SUPER
RESPONDE

UM GOL COMO PELÉ

A foto, feita por Luiz Paulo Machado em 1976, com o coração de suor estampado na camisa de algodão ficaria guardada nos arquivos de PLACAR durante um tempo — foi publicada pela primeira vez um ano depois, quando o 10 se despediu dos gramados

Como uma frase de Carlos Drummond de Andrade inspirou PLACAR *a convidar o Rei do futebol para editar a revista histórica em torno de seus 80 anos*

O que mais dizer de Pelé, de Pelé aos 80 anos, o octogenário que um dia, aos 17 anos, assombrou o mundo? Nada. Carlos Drummond de Andrade escreveu, numa crônica de 28 de outubro de 1969, na véspera do milésimo no Maracanã, que "o difícil, o extraordinário, não é fazer mil gols, como Pelé; é fazer um gol como Pelé". A redação de PLACAR passou um bom tempo tentando imaginar o que seria, para seus leitores, no casamento de grandes reportagens com fotos inesquecíveis, o equivalente a um gol de Pelé. A solução, e parecia não haver outra: pedir ao próprio Rei do futebol que chutasse a bola e editasse a revista de colecionador destinada a celebrar suas oito décadas de vida. Mergulhamos nos fantásticos arquivos do Dedoc, o Departamento de Documentação da Editora Abril, e deles extraímos uma variedade riquíssima, de imenso valor histórico, de textos e fotografias sobre o camisa 10.

Reunimos o material em blocos, em cuidadosa lapidação de tudo o que foi publicado desde 1970, o ano do tricampeonato no México. Com a ajuda de um dos mais próximos assessores e amigos do ex-jogador, o empresário Pepito Fornos, o lote chegou às mãos do craque eterno no Guarujá, onde ele tem mantido a quarentena, com sua mulher, nesse tempo de pandemia. Pelé riu, chorou, se espantou — disse já não se lembrar de muitos capítulos da bela aventura registrada em cores e em preto e branco e comentou cada uma das reportagens, compiladas pelo editor Gabriel Grossi. É, enfim, uma edição especialíssima de PLACAR sobre Pelé anotada pelo próprio Pelé. Com o perdão da autossuficiência, só mesmo a mais longeva (50 anos) e respeitada publicação de esportes do Brasil poderia fazer um gol como Pelé. ■

LUIZ PAULO MACHADO

CAPA: BRUNO SANTOS/FOLHAPRESS

VICTOR CIVITA
(1907-1990)

ROBERTO CIVITA
(1936-2013)

Publisher: Fábio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

PLACAR

Redator-Chefe: Fábio Altman
Editor Assistente: Luiz Felipe Castro
Repórter: Alexandre Senechal **Checadoras**: Andressa Tobita, Luana Lourenço Alves Pinto **Editores de Arte:** Daniel Marucci, Marcos Vinicius Candido Rodrigues **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Ricardo Ferrari, Ricardo Horvat Leite **Infografistas:** Anderson Marçal Leandro, Wander Moreira Mendes **Fotografia: Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadoras:** Ana Paula Galisteu, Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisoras:** Rosana Tanus, Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Preparador Digital:** Luiz Henrique Silva de Azevedo

Colaboraram nesta edição: Alexandre Battibugli (fotografia); Sidnei Gil, Tatiana Leonardi, Thamyres Rezende, Tiago Guimarães e Wellington Budim (Dedoc); Kaio Figueredo da Silva (pesquisa de fotos); Gabriel Grossi (edição de texto) e Christian Carvalho Cruz (texto)

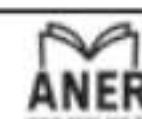
www.placar.com.br

PUBLICIDADE E PROJETOS ESPECIAIS Marcos Garcia Leal (Diretor de Publicidade) (Alimentos, Bebidas, Beleza, Higiene, Moda, Imobiliário, Decoração, Turismo, Varejo, Educação, Mídia & Entretenimento), Marcelo Alberto Cohen (Financeiro, Mobilidade, Tecnologia, Telecom, Saúde e Serviços), André Marini (Regionais e Governo). DIRETORIA DE MERCADO Carlos Nogueira CRIAÇÃO E MARKETING MARCAS Andrea Abelleira BRANDED CONTENT, EVENTOS E VÍDEO Sandro Ferreira Rosa PRODUTOS E PLATAFORMAS Guilherme Valente DEDOC E ABRILPRESS Irvinng Lage ABRIL BIG DATA (Big Data + Seo + Mkt Digital + Advertising) Sérgio Rosa

Redação e Correspondência: Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, São Paulo, SP, tel.: (11) 3037-2000. Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no exterior: www.publiabril.com.br

PLACAR 1 467 (789 3614 11176 6), ano 50, é uma publicação mensal da Editora Abril. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa (sujeito a disponibilidade de estoque). Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

Serviço ao assinante: Grande São Paulo: (11) 5087-2112
Demais localidades: 0800-7752112
www.abrilsac.com.br
Para assinar: Grande São Paulo: (11) 3347-2145
Demais localidades: 0800-7752145
www.assineabril.com.br

IMPRESSA NA ABRIL GRÁFICA Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, São Paulo, SP

www.grupoabril.com.br

revistaplacar
@placar
@RevistaPlacar
veja.abril.com.br/placar
placar@abril.com.br

A CONSA

GRAÇÃO

A Copa de 1970 marcou o início da história de PLACAR, *no momento em que Pelé foi definitivamente coroado Rei do Futebol*

Gabriel Grossi

Esta é a história de um relacionamento. Ela começou há cinquenta anos, teve muitos altos e alguns baixos. Muito amor e, claro, um pouco de mágoa, algumas doses de intriga e até um tantinho de ódio. Tudo sempre renovado, porque os protagonistas não se cansam de celebrar seus grandes feitos — e que a relação seja eterna, enquanto dure.

Era uma vez uma revista esportiva, lançada em março de 1970. No país do futebol, torcedores, jornalistas e jogadores só falavam na Copa do Mundo, que seria disputada no México dali a três meses. Todos sonhavam com a conquista definitiva da Taça Jules Rimet. Mas havia nervosismo e insegurança. Se o sonho era comum, o caminho para chegar a ele era tortuoso, e as páginas de PLACAR revelavam essa tensa valsa. Uns

"Perto de completar 80 anos, sinto enorme satisfação em ver que tanto eu como a PLACAR seguimos firmes na defesa do amor pelo futebol."

LEMYR MARTINS

Com Jairzinho, ao comemorar mais um gol nos estádios mexicanos: ele saiu do Brasil meio desacreditado, mas mostrou ser único

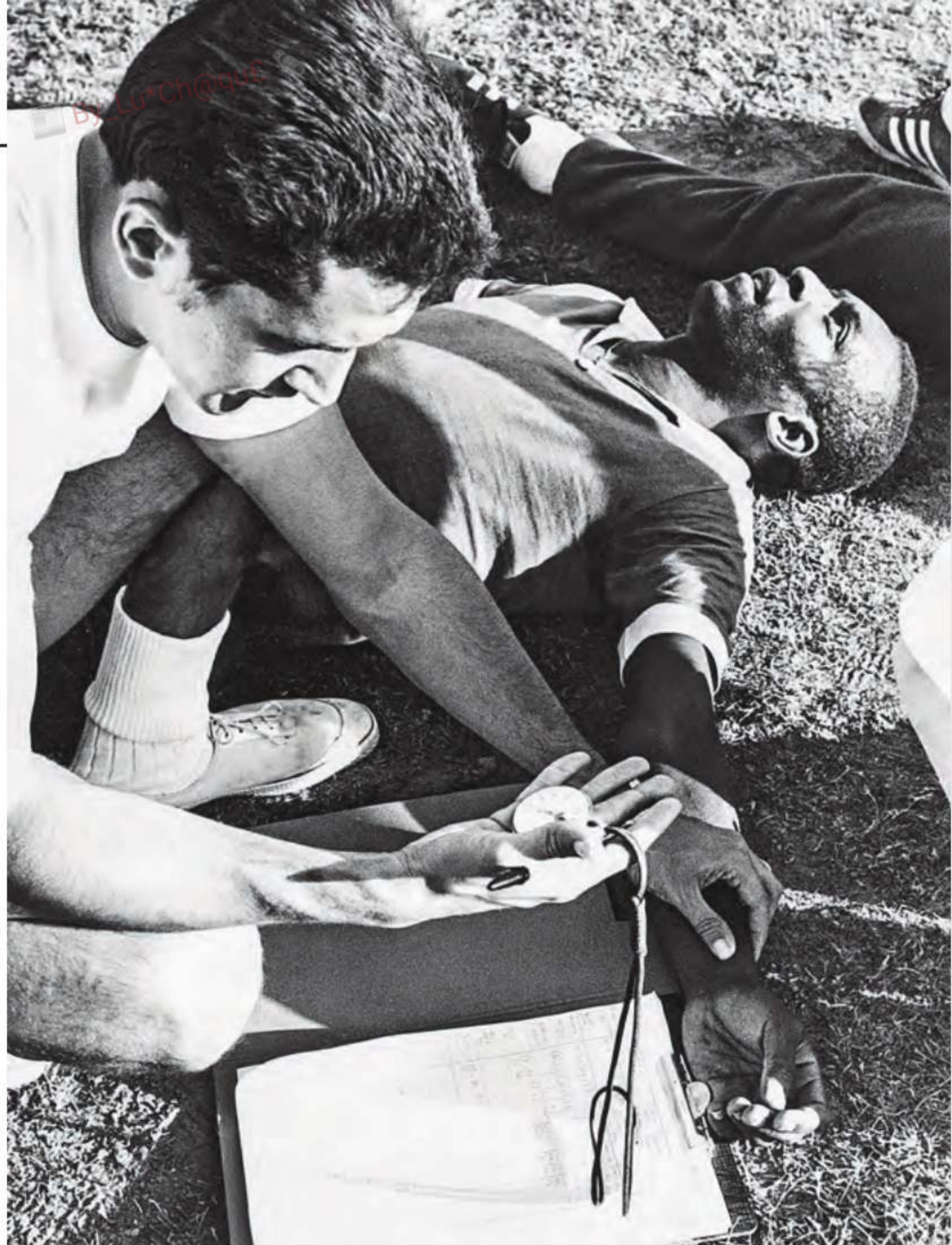
LEMYR MARTINS

Pausa para controlar os sinais vitais durante um treino: os fotógrafos de PLACAR tinham grande acesso a Pelé

defendiam voltar ao passado, outros apostavam em estratégias nunca antes usadas. Nem mesmo o protagonista da nossa história era unanimidade, naquele tempo, apesar de ser personagem onipresente nas capas e reportagens.

Seu apelido: Pelé. Nascido na pequena Três Corações, interior das Minas Gerais, em 23 de outubro de 1940, Edson Arantes do Nascimento tinha se tornado uma estrela de brilho internacional ao conquistar, com apenas 17 anos, o primeiro Mundial do Brasil, depois da vitória de 5 a 2 contra a Suécia, dona da casa, na final da Copa de 1958. Três décadas mais tarde, ele seguia vestindo a camisa 10 da seleção canarinho, o mítico número estampado dali para a frente como o do craque decisivo para qualquer time.

PLACAR e Pelé, indissociáveis, e talvez fosse o caso de grafar o nome do gênio também em letras maiúsculas. PLACAR e PELÉ. A primeira edição chegou às bancas com o Rei na capa, é claro, e um brinde especial: uma moeda comemorativa com a efígie do craque, presente aos leitores. Os agrados, os elogios, os agradecimentos pelos feitos do nosso craque inigualável, no entanto, eram alternados com dúvidas em relação à sua forma física (estaria ele "velho" aos 29 anos?), temores sobre sua capacidade de "jogar para o time", críticas ao mau desempenho nos jogos preparatórios para o torneio do México.

Sim, a revista publicava artigos, reportagens e entrevistas enaltecendo nosso maior jogador. Dois meses antes da Copa, estampou uma foto de Pelé sobre o título assertivo (e, de certa forma, contraditório): "Vamos ganhar. Só nos falta humildade". Disse Pelé: "Um time humilde não treme diante da responsabilidade. Esse time sabe que vai ter de lutar muito para ganhar o jogo. E lutará". Ao mesmo tempo, contudo, vinham os questionamentos e as provocações. "E agora, Tostão ou Pelé?", tascaram os editores em outra reportagem (já que a grande maioria da população achava mesmo que os dois não podiam atuar juntos). A estocada mais contundente veio às vésperas da estreia no México. Aymoré Moreira, que tinha sido o treinador da

"O Aymoré gostava de aparecer. Dizer que barraria o Pelé era uma grande oportunidade de polêmica. Ele comentou comigo que daria entrevista dizendo que eu não estava bem. Achei que era brincadeira."

"EU TAMBÉM BARRARIA PELÉ"

Pouco antes da estreia do Brasil na Copa de 1970, o ex-treinador e colunista de PLACAR, **Aymoré Moreira**, *escreveu um ruidoso e corajoso artigo. Deu o que falar, gerou insatisfação e reverbera ainda hoje*

"'Aymoré, você barraria Pelé?' Tenho ouvido muito essa pergunta nos últimos dias. Não se trata de barrar. Eu testaria todas as fórmulas possíveis para ter um bom time com Pelé. Entretanto, se fosse impossível montar um esquema em que Pelé, como todos os demais jogadores, trabalhasse para o time, eu não chegaria ao ponto de sacrificar a seleção: barraria Pelé. Falaria com ele francamente, explicaria meus motivos. Mas o barraria. Acho que qualquer técnico tem que ter independência e liberdade para fazer isso.

A primeira vez que vi Pelé jogar foi pelo Santos, antes da Copa de 1958. Ele era mais moço, quase um menino, jogava como o técnico mandava, era orientado dentro de campo pelos companheiros. Era muito ligeiro e já tinha as mesmas virtudes de hoje, embora a experiência as tenha desenvolvido com o tempo. Era constantemente lançado em profundidade. Ele voltava para buscar jogo, mas, sempre que um companheiro dominava a bola, partia para a frente, para a área.

Hoje, joga de maneira inteiramente diferente. Pelé achou aos poucos o lugar e a forma de jogo mais apropriados para ele, que lhe deram a marca de grande jogador. Em 1958, na Suécia, ele era lançado na área. Passou a ser o homem que lançava, e não mais o lançado. Desenvolveu um rush todo seu, com a bola nos pés. Encontrou, afinal, a movimentação que lhe convinha.

Minha experiência com Pelé começou na seleção paulista, em 1959 ou 1960, no Campeonato Brasileiro. Ele já era um jogador consagrado, que se aprimorava. Daí em diante só o dirigi em seleções, assim mesmo em poucas ocasiões: na Copa de 1962, machucou-se no segundo jogo. Numa excursão à Europa, em 1963, contundiu-se no primeiro jogo. Voltou ao time algum tempo depois, mas se machucou de novo.

De sua atuação depende toda a equipe. Os times armados em função de seu jogo caem bastante quando ele não pode jogar. E aí está todo o perigo. Muitas vezes, inconscientemente, ele prejudica o time. Ele necessita de muito espaço no lado esquerdo; sem isso, não é o mesmo. Por sua grande categoria, merece cuidados especiais dos adversários. Um quadro que jogue em função de Pelé corre o risco de tê-lo bem marcado e aí nada vai dar certo.

Em cada seleção da Europa há um homem especializado em marcar Pelé. Se um desses marcadores consegue anulá-lo, o time brasileiro se perde. O pior é que durante muito tempo não se tomou qualquer providência para evitar uma dependência total de seu futebol. Pelé é necessário e pode ser muito útil, mas não é indispensável. A seleção já provou isso: em 1962, fomos campeões sem ele. Por isso, gostaria de lembrar uma coisa: nenhum brasileiro admite que Pelé possa cair de produção, que ele tenha realmente caído de ritmo. Em suma: não admite que ele acabe. Pelé hoje é um veterano, com 29 anos, mas com treze anos de futebol, com a média de quase cem jogos por ano. E a forma que ele escolheu de jogar é das mais cansativas. Nenhum outro jogador teria resistido tanto tempo. Só Pelé, excepcional jogador e atleta notável.

Qual deve ser a função de Pelé na seleção? O mais racional é que se procure para ele uma nova função, de acordo com o que ele é, não com o que ele foi. Hoje ele não tem mais condições de ajudar a defesa. Não aguenta mais o vaivém. Tê-lo atrás, desarmando e lançando apenas, sem o vaivém, não vale a pena. É preferível tê-lo na frente. Parece que João Saldanha teve esse problema: não queria Pelé adiantado, mas ele é mesmo incapaz de fazer o vaivém. Onde Zagallo vai colocar Pelé? Essa é a pergunta e eu não sei respondê-la. Lá na frente, é a minha ideia. Abrindo caminho, desbravando espaços para que outros cheguem ao gol. É hora de mantermos a cabeça fria e termos em conta dois fatores que considero fundamentais: (1) não se pode adaptar a seleção brasileira ao padrão de jogo de Pelé; e (2) como ele é um grande jogador, temos de buscar fórmulas para adaptá-lo à seleção. É essa a tarefa de Zagallo."

GERALDO GUIMARÃES

Em 1970, Aymoré Moreira (1912-1998) era colunista de PLACAR: figura histórica do futebol brasileiro, foi treinador campeão do mundo pela seleção na Copa de 1962

seleção na Copa de 1962 e escrevia uma coluna para a revista, afirmou que não tinha dúvida: tiraria Pelé do time caso ficasse evidente ser impossível montar um esquema eficiente com ele em campo. “Qualquer técnico tem que ter independência e liberdade para fazer isso”, sentenciou *(leia trechos do artigo original na página anterior).*

Marco Antônio, Pelé e Gerson em um treinamento no México e entrevista com a “promessa” de ganhar a Copa: clima de permanente dedicação

Mas os jogos, enfim, começaram e o encantamento por aquele futebol único, mágico, logo voltou com toda força. Além de Aymoré, o time de PLACAR na Copa de 1970 era composto do editor Woile Guimarães, dos repórteres Hedyl Valle Júnior, José Maria de Aquino e Michel Laurence e dos fotógrafos Lemyr Martins e Sebastião Moreira. A edição de 22 de maio trouxe os primeiros textos e imagens produzidos no México. Nas cinco semanas seguintes, o deslumbramento com o que Pelé fez em campo transbordou nas páginas da revista e voou pelo mundo.

PELÉ SABE COMO NÓS PODEMOS VENCER A COPA, POR QUE PERDEMOS DA ARGENTINA E ATÉ QUEM DEVERÁ SUBSTITUIR TOSTÃO

VAMOS GANHAR SÓ NOS FALTA HUMILDADE

Reportagem de Michel Laurence — Fotos de Lemyr Martins e Agência JB

Dentro de dois meses êle estará no centro do campo do Estádio Jalisco, em Guadalajara, esperando o toque na bola do centroavante da Seleção (tomara que seja Tostão), para começar sua quarta Copa do Mundo e tentar ser o único jogador da história a ganhar a Taça Jules Rimet pela terceira vez.

— Como é o negócio? A Copa fica definitivamente com a gente ou seria preciso ganhar três vêzes seguidas?

O adversário do primeiro jôgo (3 de junho) será a Tchecoslováquia, um time de uniforme branco como o primeiro adversário do Brasil na Copa de 66, a Bulgária (o Brasil ganhou de 2 a 0).

— Provàvelmente, como em tôdas as Copas, não me darão tempo sequer para dominar a bola. Vou ter que fazer as jogadas, pelo menos nos 30 minutos iniciais, sempre de primeira.

No segundo jôgo da Copa de

LEMYR MARTINS

Nas reportagens, o clima geral era o de estar testemunhando uma revolução no futebol: organização tática e preparo físico acima da média personificados em Pelé. Depois da vitória sobre a Checoslováquia, por 4 a 1, PLACAR publicou seis depoimentos de jornalistas estrangeiros debaixo de um título que não pressupunha comentários — "Ele não existe". Eis o que disse Gert Borst, da agência alemã ocidental Süd: "Pensei que fosse ver um símbolo, um jogador que era escalado porque ninguém tinha coragem de tirá-lo. Vi o maior jogador de futebol da minha vida". Vittorio Notarnicola, comentarista do italiano *Corriere della Sera,* seguiu o tom da prosa: "Joguei futebol profissional e posso dizer que jamais vi um fenômeno igual. Nesta Copa do Mundo só existem dois nomes: Brasil e Pelé", emendou. Mas foi Alan Hoby, do jornal londrino *Sunday Express,* quem deu o tom que ficaria para a história. "Para nós, europeus, Pelé parecia estar acabando, mas ele ressurgiu. Não está mais cansado, não tem aquele ar blasé. E nós, ingleses, temos de admitir que ele é o único Rei." No Brasil (e nas páginas de PLACAR), Pelé já era tratado como monarca. Com o tricampeonato, nunca mais lhe tiraram o cetro e a coroa.

MSI/MIRRORPIX/GETTY IMAGES

A troca de camisa com o inglês Bobby Moore: uma das cenas inesquecíveis do título

Depois da vitória contra a Inglaterra, por 1 a 0 (jogo da primeira fase que era tratado pela imprensa como uma espécie de final antecipada, a verdadeira "partida do século"), a revista fez uma reportagem sobre o camisa 10 com o hiperbólico título "O Super-Rei". "Ficou provado mais uma vez: Pelé é o Rei, o homem que despreza todas as lógicas do futebol, que excede. E também, entre os nossos 22 heróis que lutam no México, o homem que mais quer a Copa. 'O Brasil não perde a Copa se souber explorar os nossos chutes fortes, excepcionais. Entrar nas defesas europeias com tabelinhas e jogadas calculadas será muito difícil. É bem provável que ganhemos alguns jogos com chutes de bola parada ou de muito longe', afirmou ele. Para quase todos os brasileiros, dentro e fora dos gramados, a grande barreira do jogo contra a Inglaterra, mais do que a genialidade de Bobby Charlton,

A GRANDE DERROTA

Pelé quer repetir êste gesto. Na Seleção de hoje é o único que viveu as glórias de 58 e 62. Mas é também uma das vítimas da derrota de 66.

A PRIMEIRA DERROTA

DIRCEU E TOSTÃO?

era o goleiro Banks. Menos para Pelé: 'Já conhecia Banks e nunca o considerei um goleiro sensacional. Uma vez, com o Santos, jogamos contra seu time, o Stoke City, e ganhamos de 3 a 2. Fiz dois gols'."

Semana após semana, a empolgação só fazia crescer. PLACAR não se cansava de falar de Pelé, e Pelé não se cansava de receber os jornalistas da revista. Nossos fotógrafos tinham as melhores fotos, imagens exclusivas e históricas que já rodaram o mundo nas últimas cinco décadas contando a conquista do tri e as glórias do filho de Dondinho. Nas reportagens, transparecia a confiança entre entrevistadores e entrevistado, como se lê no texto "E quando Pelé acabar?", publicado no meio da Copa. Assim:

"O que você vai sentir no dia em que a seleção brasileira entrar em campo e dentro daquela camisa amarela número 10 não estiver mais um corpo negro e atlético, ágil e imprevisível? Qual será sua sensação ao ver a camisa 10 amarela correr pelos gramados do mundo fazendo as coisas comuns que qualquer jogador comum faz, sem a graça, a agilidade e a magia que você está acostumado a ver dentro dela desde 1958, gritando, pulando ou simplesmente sorrindo? Prepare-se para isso, porque Pelé, o grande dono dessa camisa, já decidiu: esta será sua última Copa.

— Pode parecer que não, mas isso cansa. Ficar quatro meses longe da família, preparando-se para seis jogos, é duro. Ficar trancado. Pode fazer as contas. Acho que é a hora de parar.

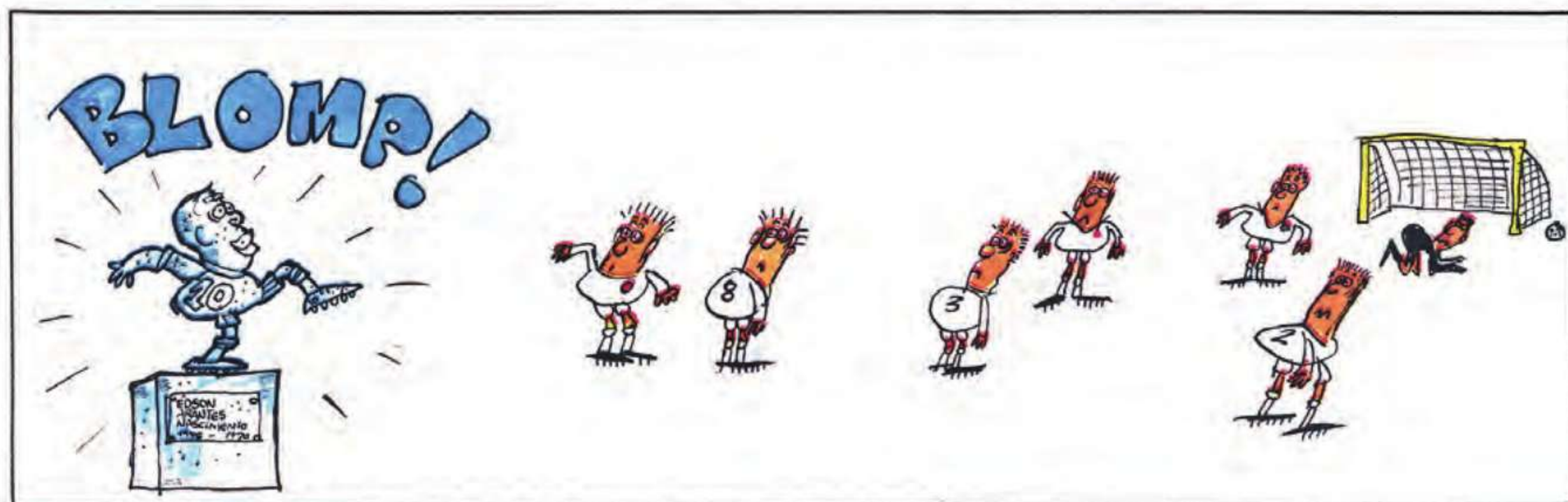
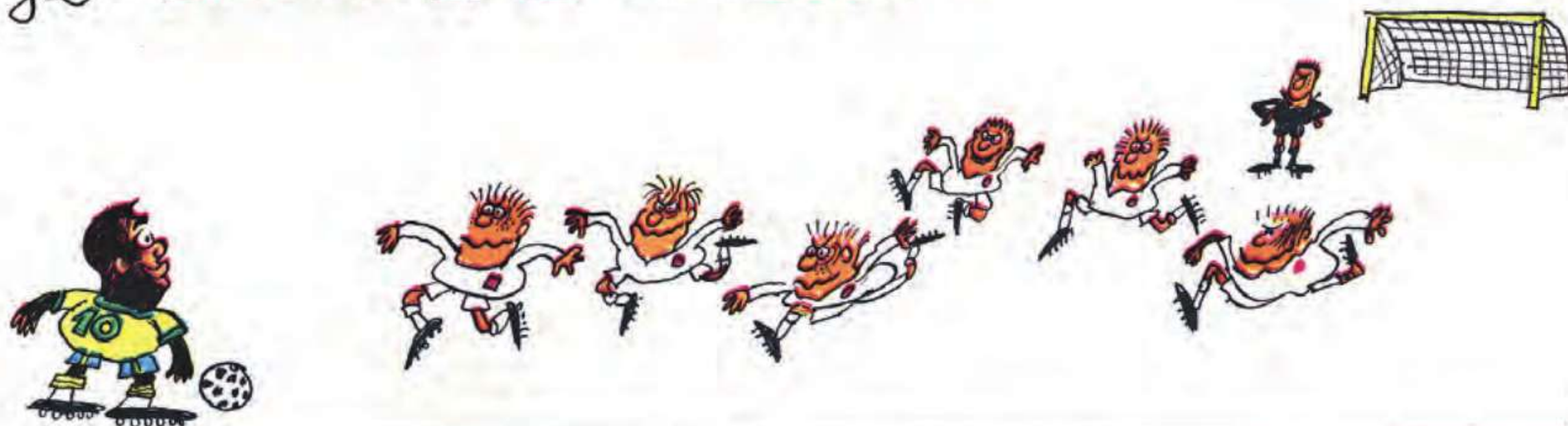
Nesta última Copa de Pelé, todos esperam ver coisas mais impossíveis do que as fantásticas que ele já tem feito. A cada jogo do Brasil o estádio está lotado, à espera dos milagres de Pelé. Mas ele está muito mais preocupado com os resultados de nossos jogos:

— Olha, não quero fazer nada de anormal, só quero ganhar a Copa, levar o caneco para o Brasil, chegar no meio do povo e dizer: 'Tomem. é de

FOTOS: LEMYR MARTINS

Meio corpo acima dos outros jogadores, Pelé (de olhos abertos) se prepara para cabecear a bola contra o gol da Itália *(acima)*: a vitória consagradora, com a conquista definitiva da Taça Jules Rimet, se transformou em uma festa gigante depois que milhares de torcedores invadiram o gramado do Estádio Azteca para reverenciar, definitivamente, o craque eterno

Henfil vê BRASIL 4 x 1 TCHECOS

SEAN DEMPSEY/PA IMAGES/GETTY IMAGES

A charge de Henfil depois da estreia contra a Checoslováquia e o leilão em Londres de uma das três camisas 10 usadas por Pelé na final de 1970: a história diante de nossos olhos

vocês'. Se conseguir isso, acho que poderia até pendurar as chuteiras, não fazer mais nada, porque eu seria um homem realizado no mundo."

Daí em diante, o clima de romance se transformou em paixão. Pelé "comeu a bola", como se dizia, e o Brasil atropelou o Peru (4 a 2) nas quartas de final, exorcizou o fantasma do Uruguai (3 a 1) na semifinal e arrasou a Itália (4 a 1) na grande final, para delírio de milhares de torcedores que invadiram o campo depois de o juiz dar o último apito no Estádio Azteca. A sensação de que estávamos vendo a história ser construída diante dos olhos era visível também nas páginas da revista, como na genial charge de Henfil, reproduzida na página ao lado, ao lembrar o lance inigualável contra o goleiro Viktor, da Checoslováquia, o "quase-gol" do meio de campo.

E o que dizer daquela camisa 10? Em maio deste ano, quando PLACAR publicou um especial sobre os cinquenta anos da conquista do tri, Pelé contou o seguinte: "Por coincidência, eu nasci no mês 10; na escola, 10 era a nota máxima; como católico, respeito os Dez Mandamentos. Para completar, na seleção eu recebi a camisa 10". Simples assim. A 10 que aparece na foto acima é uma das três que ele usou naquela final, na Cidade do México (uma no primeiro tempo, outra no segundo e uma terceira na cerimônia de entrega da taça), leiloada em Londres, numa multiplicidade que só ajudou a aumentar ainda mais a fama e a mística da mãe de todas as 10.

Terminada a Copa, Pelé e PLACAR seguiram firmes e fortes. Nenhum outro atleta teve sua intimidade tão exposta em nossas páginas. Reencontramos os dez meninos que jogavam com ele em seu primeiro time, ainda no infantojuvenil, na cidade paulista de Bauru. Estivemos juntos (só nós dois) na milésima partida como profissional. Acompanhamos cada uma das despedidas (da seleção, do Santos, do Cosmos). Promovemos reencontros emocionantes e inesquecíveis com velhos amigos, como Garrincha e Tostão — uma eterna história de amor que você acompanha nas próximas páginas desta edição. ■

REPRODUÇÃO ORLANDO KISSNER/REVISTA PLACAR

O time de 1955. Em pé: Osmar, Grillo, Paçoca, Zoel, Aniel e Esquerdinha; agachados: Maninho, Pelé, Miro, Pérsio e Leleco

O INÍCIO DE TUDO

Foi no Baquinho, clube de Bauru, no interior de São Paulo, que o maior craque de todos os tempos nasceu para o futebol, em 1953

Toda história tem um princípio. A de Pelé começou no interior de São Paulo. Aos 13 anos, ele passou a atuar no infantojuvenil do Bauru Atlético Clube. Os meninos do BAC deram origem ao Baquinho. O time, retratado na foto ao lado, durou apenas dois anos — tempo suficiente para se sagrar bicampeão da Liga Bauruense, com direito a várias goleadas e grandes exibições, principalmente do mirrado Edson Arantes do Nascimento, o filho de Dondinho e de dona Celeste.

Em fevereiro de 1989, PLACAR recuperou os primeiros passos do Rei e dos outros dez garotos daquele grupo de camisa listrada. Osmar, o capitão, se tornara diretor da Ferrovia Paulista S.A. (Fepasa); Grillo era gerente de uma fábrica de tecidos no Rio de Janeiro; Maninho, supervisor do Banco do Brasil, entre outros destinos tão diferentes. A reportagem, escrita por **Kátia Perin,** com a colaboração de **Edson Rossi,** ganhou o Prêmio Esso (entregue de 1955 a 2014, era considerado a maior premiação do jornalismo brasileiro). Nas próximas páginas, você relê o emocionado texto de abertura da publicação original e relembra algumas das fotos que ajudam a narrar os pontapés iniciais do maior jogador de futebol de todos os tempos.

"Meu pai jogou no BAC. Eu andava pelas ruas e já me reconheciam, como hoje. Só que naquele tempo todos me davam dinheiro, para ajudar em casa. Sem dúvida, o Baquinho foi a base de tudo o que sou."

PRAZER, BAQUINHO

Como alguns moleques de Bauru fizeram história com um futebol que era pura magia e virou a principal diversão dos fins de semana

Publicado em 10 de fevereiro de 1989

REPRODUÇÃO

REPRODUÇÃO

O temido ataque do Baquinho bicampeão *(no alto)*, o técnico Waldemar Brito, que jogou a Copa de 1934, fazendo sua preleção *(acima)* e Pelé posando para PLACAR no fim dos anos 1980 com a camisa do time de Bauru: o nascimento de um rei

A primeira ideia era formar um time infantojuvenil para fazer, com meninos, o que os profissionais já não conseguiam: arte com a bola nos pés. João Fernandes, diretor e provedor do Bauru Atlético Clube, o BAC, convidou Waldemar de Britto, meia-direita da seleção brasileira de 1934, para ser o técnico. E, em setembro de 1953, o *Diário de Bauru* publicou um anúncio, convidando as crianças da cidade — distante 345 quilômetros de São Paulo — para participarem da peneira. Cem peladeiros de 8 a 16 anos se apresentaram. Waldemar sentou-se no alto da arquibancada e de lá escolheu os melhores 25 garotos.

Menos de um mês depois, em 29 de outubro, o Baquinho (meninos do BAC) estreava contra o Gérson França F.C.: 3 a 3. Na partida seguinte, porém, a equipe começou a mostrar do que seria capaz. Ganhou do São Paulo por 21 a 0, um gol a cada três minutos. Um crioulinho mirrado, que mais parecia a mascote, foi um dos artilheiros com sete gols: Pelé. Na época, o treinador Waldemar se orgulhava ao constatar que, se outro time jogasse sozinho contra estacas de madeira, já seria difícil alcançar o mesmo resultado.

Mas não havia limites para o Baquinho. Entre amistosos e o campeonato da Liga Bauruense de 1954, disputou 33 partidas e marcou 148 gols, uma média de 4,5 por jogo. A seis rodadas da final, era campeão. Como presente pelo título, o Baquinho atuou em São Paulo, na preliminar de Associação Desportiva Araraquarense (ADA) x América de São José do Rio Preto. Goleou o Flamengo de Vila Mariana por 12 a 1. Depois que saiu de campo, metade do público foi embora: a partida principal não poderia ser melhor.

Chegou ao bicampeonato em 1955. Mas, no ano seguinte, a equipe se desfez. Pelé ainda jogou alguns meses num time de futebol de salão e viajou para o Santos. A infância havia passado. Logo o clube encerrou suas atividades no esporte. Tempos depois, acabou dividindo pela metade o campo — cenário de tantas histórias do Baquinho — para construir cinco piscinas. Hoje elas atraem mais meninos que a bola. Na parede do restaurante, um pôster amarelado com o time de 6 de abril de 1955 foi tudo o que restou como lembrança do nascimento de um rei. ■

Com a camisa criada por PLACAR para homenageá-lo, o Rei beija a Bola de Prata, que ganhou como *hors-concours:* ele entraria em campo com a camisa verde e preta comemorativa

LEMYR MARTINS

A MATEMÁTICA DO GÊNIO

Pouco depois de marcar seu milésimo gol, em 1969, Pelé entrou numa corrida para completar 1 000 partidas. O feito foi alcançado em 1971

Os recordes de Pelé eram acompanhados com interesse incomparável. Pouco depois de marcar seu milésimo gol, contra o Vasco, em 1969, começou uma espécie de contagem regressiva para o jogo de número 1 000. Em janeiro de 1971, PLACAR publicou um resumo da carreira do Rei até então: 862 jogos pelo Santos, noventa pela seleção brasileira contra outros países, dezoito pela seleção contra clubes, treze pela seleção paulista "oficial", dois pela seleção do sindicato, dez pelo time das Forças Armadas e quatro pelo combinado Santos-Vasco. Total: 999. No dia 28 daquele mês de verão, ao entrar em campo pelo Santos contra o Transvaal, do Suriname, a nova marca seria enfim alcançada. Apenas três outros atletas tinham ido tão longe: o goleiro soviético Lev Yashin fez 1 787 jogos, o inglês Stanley Matthews entrou em campo 1 371 vezes (Pelé chegaria a 1 363 partidas) e o brasileiro Arthur Friedenreich teria atuado em 1 103 ocasiões. PLACAR registrou o milésimo jogo de Pelé com exclusividade na imprensa brasileira. Mandou fazer uma camiseta (nas cores verde e preta) com o número 1 000 na frente, e o maior jogador de todos os tempos entrou em campo, no acanhado estádio de Paramaribo, a capital surinamesa, vestindo, com orgulho, a "nossa camisa".

"Meus adversários imploraram para levar como presente a camisa comemorativa de PLACAR, mas eu mesmo fiz questão de guardá-la como recordação."

UMA NOITE DE FESTA

PLACAR acompanhou com exclusividade o milésimo jogo de Pelé. Foi num pequeno estádio em Paramaribo, a capital do Suriname. E o repórter e fotógrafo **Lemyr Martins** estava lá

Publicado em 5 de fevereiro de 1971

LEMYR MARTINS

Oito horas da noite, dia 28 de janeiro de 1971. O Suriname Stadium, com capacidade para 13 000 pessoas e único em Paramaribo, começa a viver os momentos mais importantes de sua história. Dentro de alguns minutos Pelé estará começando a jogar a sua milésima partida, além de ajudar, com a sua presença, para a queda do índice de mortes por acidentes de trânsito na cidade. Com o lucro desse jogo os organizadores vão iniciar a construção de um viaduto, perto do mercado, onde, no ano passado, houve 104 mortes. O Transvaal, campeão local, é o primeiro a entrar em campo: uniforme verde, com algumas listras finas. Às 8h10, tendo Pelé como "capitão", o Santos aparece e ganha mais aplausos. Como é uma partida especial, os jogadores não ficam um ao lado do outro: formam um círculo e, no meio dele, fica Pelé. O estádio inteiro, inclusive o primeiro-ministro, o representante da rainha e as demais autoridades de Paramaribo, não para de gritar o nome de Pelé.

Ele ganha taças e lembranças. O primeiro-ministro anuncia que PLACAR vai entregar a Bola de Prata ao atacante, na última homenagem antes do início do jogo. Pelé veste a camisa de PLACAR e posa ao lado do time do Transvaal. No estádio, um torcedor está bastante nervoso. Ele é Marius Pinas, que é chamado de "Pinas Pelé" por seus amigos, tão grande é sua admiração pelo brasileiro. Marius tirou três dias de licença da firma onde trabalha "para acompanhar Pelé e tirar uma foto ao seu lado, para completar a minha felicidade". Como ele, o restante do estádio está impaciente. São 31 minutos do segundo tempo e Pelé não fez o seu gol. Mas, nesse momento, Edu, depois de driblar vários adversários, é derrubado na área. O bandeirinha confirma que foi dentro da área. É o bastante para o estádio todo começar a gritar "Pelé, Pelé". Com muita calma, ele caminha para a marca do pênalti. O juiz apita, Pelé corre para a bola, dá a "paradinha", chuta no canto direito e o goleiro Baron cai para o esquerdo. Depois, com a mesma tranquilidade, caminha para o meio do campo. ■

Pelé e seus troféus, no gramado *(acima)*, e o cartaz anunciando o grande jogo: expectativa por mais uma marca histórica do maior de todos

SENHORAS E SENHORES 24 HORAS NO AR PARA BEM INFORMAR...
Henfil
PELÉ

A SUA EMISSORA, DESDE 1961 NÃO POUPA ESFORÇOS E ACOMPANHA MINUTO A MINUTO O GRANDE MOMENTO EM QUE...

E ATENÇÃO BRASIL! ATENÇÃO MUNDO!
998!
ATCHIM!

AGORA FALTAM SÓ DOIS PARA O MILÉSIMO ESPIRRO DE PELÉ!

Juntos em campo, o camisa 10 e o camisa 7 nunca perderam um jogo com o uniforme canarinho da seleção

PARCEIROS NO CAMPO E FORA DELE

PLACAR *reuniu o Rei e antigos companheiros para relembrar o passado, mas também para ajudar a sonhar o futuro do futebol brasileiro*

Em 1971, PLACAR pôs frente a frente Pelé e Afonsinho. O Rei e o jovem barbudo, polêmico atacante que despontava no futebol, debateram formas de melhorar as condições de trabalho dos jogadores profissionais. Onze anos depois, a revista reuniu, no Rio, os dois maiores craques da nossa história, o camisa 10 e o camisa 7, ele e Garrincha. Juntos em campo, jogando com a camisa da seleção brasileira, eles nunca perderam uma única partida. Vestidos com o antigo uniforme canarinho da CBD, os dois se emocionaram, reclamaram da baixa qualidade do jogo naquele início dos anos 1980 e fizeram planos para o futuro. Em 1998, às vésperas da Copa do Mundo da França, a revista convidou Tostão para escrever sobre o companheiro do tri. O camisa 9 no México relatou a humildade do velho amigo e, elegante como sempre, bom de bola e bom de escrita, não teve dúvida em afirmar que, mesmo ganhando muitos títulos e contando com uma exposição exponencialmente maior na imprensa, era impossível um novo craque superar Pelé no panteão do futebol. Nas próximas páginas, PLACAR oferece uma seleção dos melhores momentos daquelas três publicações. Elas ajudam a entender um pouco melhor quem foi Pelé aos olhos de seus companheiros de vitórias e derrotas.

"Entre uma música e outra – eu me arrisquei no violão, ele no cavaquinho – lembramos de quando formamos uma dupla imbatível na seleção. Infelizmente, no ano seguinte Mané se foi."

RODOLPHO MACHADO

O NEGA ELISA E A ALEGRIA DO POVO

No início dos anos 1980, PLACAR promoveu uma conversa de Pelé com Garrincha, parceiro nas Copas de 1958, 1962 e 1966. O papo teve direito a música e lembranças, como escreveram **Lemyr Martins** e **Hideki Takizawa**

Publicado em 19 de novembro de 1982

IGNACIO FERREIRA

Foi um reencontro comovente. Quando se viu diante de Mané, Pelé abriu um sorriso largo, estendeu os braços musculosos e enlaçou seu velho ídolo num abraço apertado, longo e emocionado.

Pelé — E a bola de hoje, Mané? Tá pequenininha, né? Cada vez mais sinto saudade de você, daqueles dribles, do povo nos estádios que vibrava com tuas entortadas nos "Joões".

Garrincha — Olha, crioulo, eu sou instrutor da Legião Brasileira de Assistência e trabalho com 500 garotos, mas não aparece nenhum "tortinho" disposto a brincar na ponta.

Pelé — Cada vez vejo menos habilidade no jogador brasileiro.

Garrincha — A pelada está perdendo espaço, só tem garotos jogando em campos cercados. Cadê o moleque de pé no chão batendo bola em terra dura? Todo mundo põe a culpa na retranca, mas continua bolando esquemas cada vez mais fechados. Parece saudosismo, mas na Copa de 1958 também éramos muito marcados.

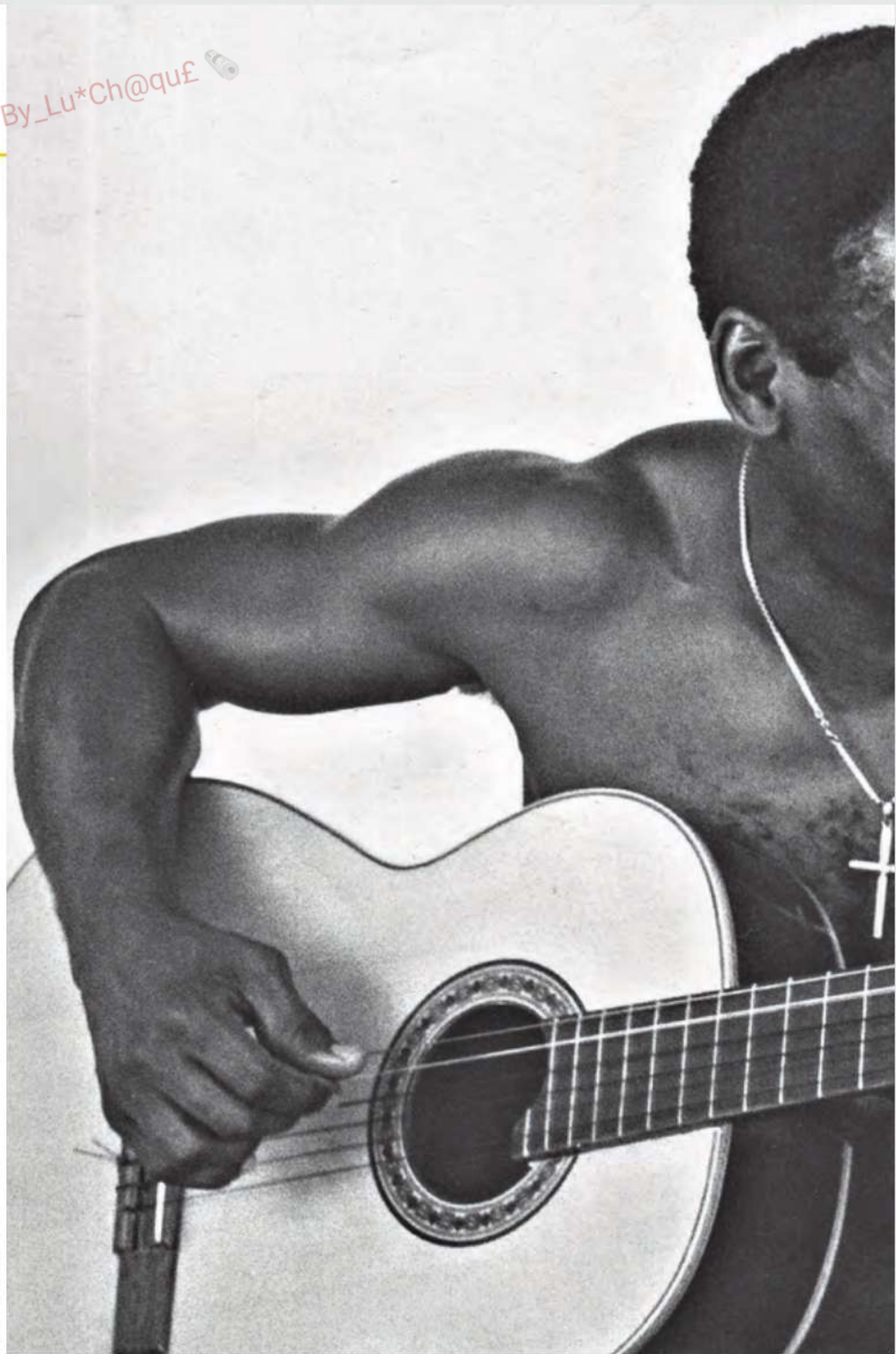
Pelé — Pois é, eu era um garoto de 17 anos, mas tinha gente boa fazendo a minha cabeça. Aliás, você lembra por que o Paulo Amaral *(preparador físico)* acabou com as corridas depois dos treinos?

Garrincha — Claro, o pessoal corria até o lago não para melhorar o preparo físico, mas para ver as garotas tomando banho nuas. Daí o Paulo Amaral proibiu a corrida, e o remédio foi aturar você tocando violão.

Pelé — Tocar não é bem a palavra: eu batucava no violão.

Garrincha — E já aprendeu? Lembro que o teu apelido era Nega Elisa, porque a gente te achava parecido com a torcedora-símbolo do Corinthians.

Pelé — Tocar eu ainda não toco, mas componho mais ou menos.

Garrincha — Já ouvi o Jair Rodrigues cantando uma música tua. Pega o violão e mostra aí, que eu te acompanho no cavaquinho *(e simula dedilhando um instrumento de brinquedo).*

Pelé — Bons tempos...

Garrincha — Na Copa de 1962 foi uma pena você ter se machucado. Eu dei sorte, fiz gols... Mas jamais vou esquecer da partida contra os russos em 1958.

Pelé — Foi a primeira partida que disputamos juntos. Era a estreia de nós dois na Copa e vencemos por 2 a 0, dois gols do Vavá. Você enlouqueceu os russos. Logo na primeira bola, entortou três.

Garrincha — Nunca te perguntaram se hoje conseguiríamos jogar da mesma maneira que jogávamos há dez, quinze anos?

Pelé — Me perguntam a toda hora.

Garrincha — Acho que não teria nenhuma diferença.

Pelé se emociona, abraça Garrincha, olha fixamente nos olhos daquele homem de 49 anos e acaricia seu rosto gordo, num gesto de sincera admiração. Subitamente, o Rei do Futebol, o tricampeão do mundo, o Atleta do Século é de novo uma criança magnetizada pela presença do velho ídolo. É apenas a Nega Elisa, o crioulinho que Garrincha mandava para o ataque aos berros.

Pelé com o violão e Garrincha com um cavaquinho de brinquedo e os craques com as camisas de Botafogo e Santos: ao ver-se diante de Mané, Pelé abriu um sorriso largo, estendeu os braços musculosos e enlaçou seu velho ídolo num abraço

IGNACIO FERREIRA

JOGADOR TAMBÉM É GENTE

Os repórteres **Michel Laurence** e **Aristélio Andrade** e o fotógrafo **Lemyr Martins** reuniram Pelé e o craque Afonsinho para uma conversa em torno da vida dos profissionais — a grande maioria —, que não ganhavam o suficiente para garantir a aposentadoria

Publicado em 3 de dezembro de 1971

Foi em São Paulo. Afonsinho, um rapaz barbudo, cabeludo, de ideias revolucionárias, e Pelé, um homem inteligente, profundo conhecedor do futebol, já em fim de carreira, discutiram vários problemas da vida de um jogador profissional. Não foi fácil chegarem a uma conclusão sobre o que precisa ser feito para melhorar as condições da classe, mas o ponto de partida emerge do diálogo: unir os jogadores de futebol em torno de seu sindicato (e de uma Federação Nacional) e, principalmente, conseguir do governo federal a regulamentação da profissão.

PLACAR — O que vocês acham da lei do passe?

Afonsinho — Bem, o problema é um só: não podemos discutir problemas parcelados da profissão se não existe a regulamentação dessa profissão, se não existem leis para ela.

Pelé — É verdade. Como pode ser enquadrado o jogador de futebol, se sua profissão não é nem mesmo reconhecida pelas leis do país? Não existe nenhuma base feita para que sejam apontadas soluções.

Afonsinho — O jogador, apesar de ser um profissional, é um marginal. Um marginal que só excepcionalmente ganha muito bem. Segundo uma pesquisa de vocês mesmos, apenas quarenta jogadores, num total de 6 000 e qualquer coisa, ganham razoavelmente bem.

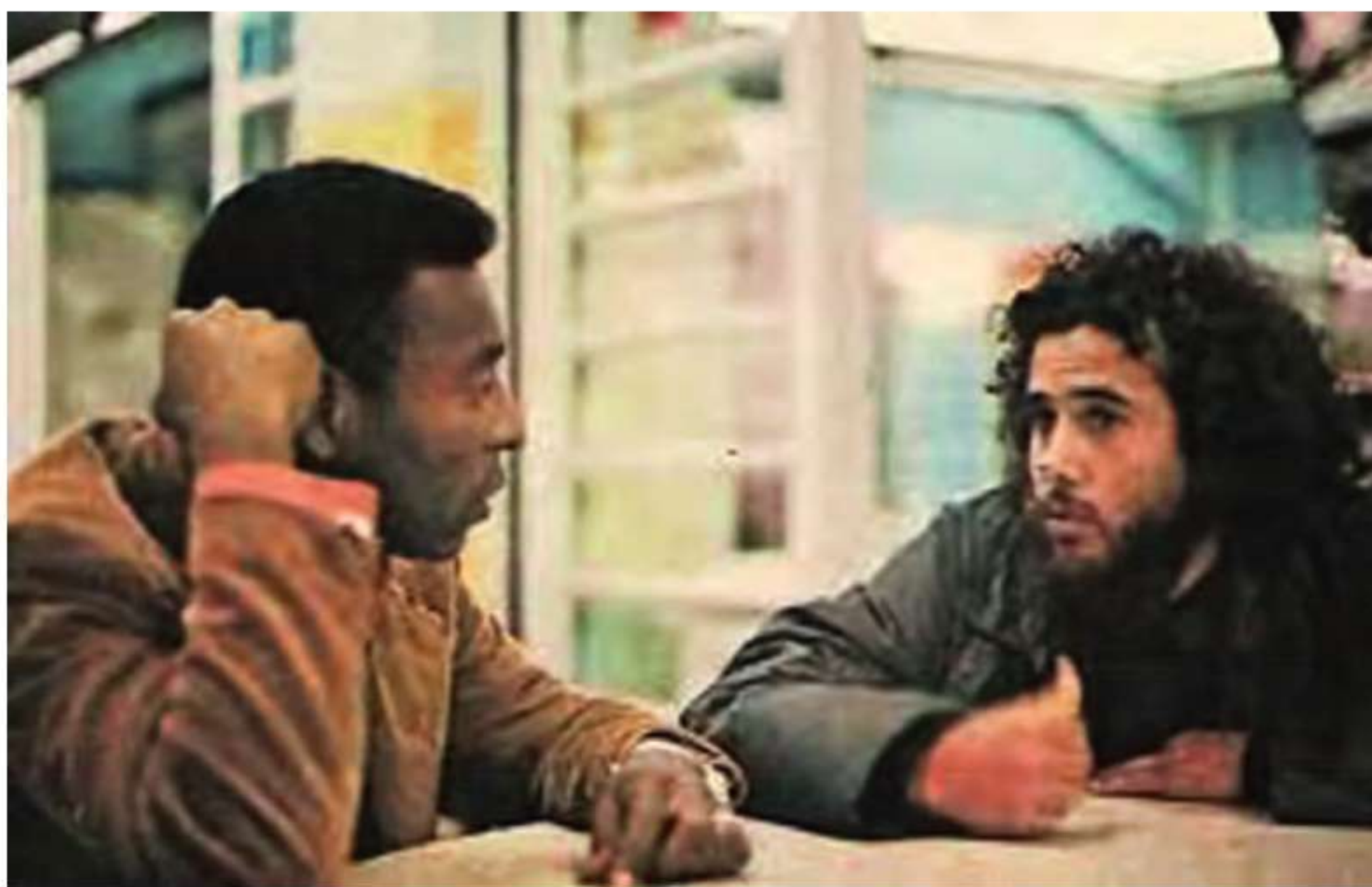
Pelé — Além de ser uma classe muito desunida. A gente não consegue reunir todos os jogadores em torno de uma causa, de uma ideia. Não se consegue nem mesmo reuni-los em torno do sindicato aqui em São Paulo.

Afonsinho — Nós temos de lutar para que a classe, por inteiro, seja favorecida.

Pelé — Mesmo tendo melhorado muito, a nossa classe continua composta, na maioria, de gente humilde, que ainda não tem uma mentalidade de classe formada.

Afonsinho — Verdade. A grande maioria dos nossos colegas não consegue alcançar a profundidade do problema. Nossa carreira é muito curta e isso obriga a pessoa a pensar em termos imediatistas.

Pelé — Tem mais. Quando fomos falar com o presidente da República, muita gente deturpou, dizendo que estávamos argumentando em causa própria. Ao contrário, eu fui pedir em favor da regulamentação da profissão de jogador de futebol.

Afonsinho — Se não existe a profissão de jogador, como é que alguém pode se aposentar por sofrer um acidente nessa profissão? Por isso a iniciativa tem de partir desses jogadores que ganham mais, esses quarenta aí de que PLACAR falou.

FOTOS LEMYR MARTINS

Afonsinho e Pelé, no improvável bate-papo promovido pela revista: um encontro de duas gerações à procura de uma solução que, eles já sabiam na época, tinha por objetivo beneficiar os jogadores profissionais no futuro

PERFEIÇÃO E SIMPLICIDADE

Em artigo escrito pouco antes da Copa da França, **Tostão** lembrou como conheceu Pelé, tratou da parceria dentro de campo e, ao destacar a simplicidade do gênio fora dos gramados, garantiu que nunca haverá outro jogador tão grande

Publicado em junho de 1998

"Conheci o Rei Pelé na Copa de 1966, quando fui convocado pela primeira vez para uma seleção brasileira. Eu tinha 19 anos e, obviamente, ele já era um jogador consagrado, o Rei do Futebol. Naquele ano, o Cruzeiro ganhou a Taça Brasil, vencendo o Santos por 6 a 2 no Mineirão. Após o título, fui fotografado com uma coroa e, no dia seguinte, vi no jornal a manchete: 'Tostão, o novo Rei do Futebol". Fiquei envergonhado e constrangido, sentindo-me um usurpador do trono. Logo que o encontrei, na convocação para a Copa de 1966, fiquei fascinado com sua presença, simpatia e simplicidade. O Rei era alegre e brincalhão, igual aos seus súditos, e me colocou à vontade na roda dos outros craques da sua geração: Garrincha, Bellini, Orlando, Djalma Santos, Gilmar, que estavam se despedindo da seleção.

Em Caxambu, cidade mineira onde o Brasil treinava, recebi a visita do meu querido pai. Apresentei-o a Pelé e, ao vê-lo, papai ficou emocionado, com os olhos cheios de água. Pelé, com sua simpatia, brincou, e o deixou à vontade, feliz. Eu imaginava: "Será que ele é assim mesmo, natural, humilde, ou é tudo uma questão de marketing?". Hoje os jogadores vivem cercados de seguranças e secretários, não atendem o telefone, como se fossem reis. Antes da Copa de 1966, tive a primeira oportunidade de jogar ao lado de Sua Majestade num amistoso na Suécia. Na época, eu era considerado seu reserva e diziam que não poderíamos jogar juntos, pois tínhamos a mesma característica.

Pelé voltou a brilhar no Santos e, em 1969, durante as Eliminatórias, estava no auge de sua forma. Eu ficava impressionado com sua qualidade técnica. Ele tinha todas as características de um grande atacante: driblava curto e em velocidade, tinha uma visão periférica ampla, um passe preciso, chutava forte, saltava alto e cabeceava com os olhos abertos. Era imaginativo, sempre surpreendendo o adversário. Logo nos entendemos pelo olhar. Antes de a bola chegar aos seus pés, ele me mirava, indicando o que ia fazer e para onde eu deveria ir. Além disso, Pelé era um guerreiro em campo, e seu futebol crescia quando muito marcado. Sua perfeição confundia-se com a simplicidade. Além do brilho e da magia, o Rei jogava com grande objetividade. Quase não fazia embaixadas, não driblava para os lados, mas sempre em direção ao gol. Sua genialidade e condição física eram naturais, geneticamente determinadas. A natureza lhe deu quase tudo, e ele fez a parte que lhe cabia, jogando com alegria, garra, determinação e humildade.

É muito comum os ídolos, qualquer que seja a área em que atuam, serem angustiados e se sentirem divididos na sua identidade. Perdem a referência do cidadão comum. Queixam-se da fama, mas gostam e não abrem mão da posição de estrelas. Pelé me pareceu ser uma exceção — ele sempre demonstrou felicidade e alegria em ser Rei." ■

SEBASTIÃO MARINHO

Pelé e Tostão em 1970, no México: "A natureza lhe deu quase tudo, e ele fez a parte que lhe cabia, jogando com alegria, garra, determinação e humildade"

LOVE, LOVE, LOVE

Foram três emocionantes cerimônias de adeus — da seleção, do Santos e do Cosmos, em Nova York

Logo depois do tri, no México, Pelé decidiu que não voltaria a defender a camisa amarela do Brasil. A imprensa seguiu especulando sobre uma possível volta, até a Copa de 1974, mas ele manteve-se fiel à ideia de parar no auge — e assim foi, em três oportunidades. Em julho de 1971, foram dois jogos (um em São Paulo, outro no Rio) para dar adeus à canarinho — no Morumbi, ele marcou o gol contra a Áustria. Em 1974 houve o último jogo pelo Santos, não foi 100% como planejado: o time não estava com seu uniforme todo branco e faltou o gol derradeiro, mas sobrou emoção. Daí, quando tudo parecia terminado, Pelé se reinventou como divulgador do futebol nos Estados Unidos. Atuou duas temporadas pelo Cosmos, de Nova York, até sua última partida como atleta profissional. O adversário só poderia ser o Santos — ele jogou o primeiro tempo com a camisa 10 do time americano e o segundo com a branca do alvinegro praiano. No estádio dos Giants, antes de a bola rolar pela última vez, o Rei abriu seu discurso em defesa das crianças afirmando: "Love, love, love. Amor, amor, amor". A seu lado, o igualmente gigante Muhammad Ali, o maior boxeador de todos os tempos, decretou: "O mundo todo deve te agradecer, Pelé. Você tem uma cabeça e um coração que soube colocar nos pés, a serviço do futebol. Todos os esportistas do mundo deveriam curvar-se aos teus pés".

"Coisas da vida! Eu que sou um homem de Três Corações, tive três despedidas. Todas elas vitoriosas. Agradeço a Deus por tudo isso."

LEMYR MARTINS

Muhammad Ali observa Pelé pouco antes do jogo entre Cosmos e Santos, em Nova York: “O mundo todo deve te agradecer e todos os esportistas do mundo deveriam curvar-se aos teus pés”

Com uma coroa na mão, Pelé faz a volta olímpica no intervalo do jogo contra a Áustria, no Morumbi: “Fazer festa porque nunca mais ele vai jogar na seleção é estranho. O que diverte a torcida é ver a cintura dos caras fazendo *praack* quando eles levam um drible.”

Pelé partiu. Deixou mais um golzinho ponto de partida para mais quatro anos de trabalho

ADEUS É BOLA NA RÊDE

O Morumbi lotado saudou Pelé na sua despedida do público paulista. Foi sua décima terceira — e última — partida pela Seleção em São Paulo. E, como em muitas outras, deixou a sua marca, lá dentro do gol, juntinho da rêde.

UM HOMEM SÓ

UM BOM COMEÇO

ELE SABE TUDO

A ÚLTIMA VEZ COM A SELEÇÃO

Hedyl Valle Jr. contou a despedida de Pelé da seleção em São Paulo. No Morumbi lotado, ele fez sua 13ª — e última — partida com a camisa canarinho na cidade

Publicado em 16 de julho de 1971

"Deixa." Cem mil pessoas gritaram ao mesmo tempo. Tostão deixaria de qualquer maneira (estava meio de lado e Pelé vinha de frente; deixaria, como deixou na final das eliminatórias, 1 a 0 contra o Paraguai). "Deixa para ele", gritaram os 100 000. Não veio a bomba esperada, ele apenas cutucou no canto, o goleiro ficou plantado no meio da área. Gol de Pelé. Deu o mesmo soco no ar. Correu para a ponta, para abraçar Zequinha. Como sempre, o time todo veio de lá: pulos, abraços. Gol de Pelé.

No dia de se despedir dos paulistas, Pelé faz um gol. De propósito? Para a festa? Não: ele é assim mesmo, faz gols com frequência. Sua festa é um soco no ar, todo mundo sabe disso, já repetiu o gesto mil e tantas vezes. No intervalo, foi engolido pelo bolinho, ninguém conseguiu vê-lo. Ganhou uma coroa, ouviu discursos, ganhou um relógio, uma medalha etc. Ninguém viu direito, nem pela TV. Correndo mais que seus perseguidores, repórteres e policiais, deu uma volta olímpica, com aplausos, bandeiras, gritos de "Pelé, Pelé, Pelé". E ele se mandou.

No vestiário era esquisito ver o Negão pelado e todo mundo de uniforme. Os jogadores iam voltando e, um a um, iam abraçá-lo. Rivellino, correndo, pulou em cima dele, se abraçaram e Pelé arrastou o Riva pra baixo do chuveiro. Ninguém podia entrar, mas ele podia sair. O Mercedes azul esperava e ele se mandou de vez. Pensando bem, fazer festa porque nunca mais o Pelé vai jogar na seleção é meio estranho. Festa é alegria, diversão, prazer. Gol, toquezinhos de efeito, troca de passes pelo alto, lançamentos, tabelas, dribles. Isso é festa. E o fato de o cara que sabe fazer tudo isso parar de fazer não é festa coisa nenhuma. Aquela tabela com Clodoaldo, o lançamento para Zequinha no lance do gol, o soco no ar. Essa é a festa de Pelé. O que diverte a torcida é ver a cintura dos caras fazendo *praack* quando eles levam um drible. É ver aquela pilha de camisas amarelas em cima dele, comemorando o gol. Essa foi a festa: 45 minutos de bola. O começo do fim de uma longa história.

Perdíamos para a Argentina na tarde cinzenta de 7 de julho de 1957. O alto-falante do Maracanã anunciou: "Substituição no Brasil: Pelé no lugar de Del Vecchio". Telé? Pelé? Delé? Quelé? Tanto faz. O Maracanã recebeu friamente. Não ia ser um garoto de 16 anos, inventado pelos paulistas, que ia mudar alguma coisa. No fim do jogo, Pelé fez um gol, e perdemos assim mesmo. Mas o garoto ia mudar uma coisa: a história do futebol.

Durante catorze anos e onze dias, até o domingo que vem, contra a Iugoslávia, ele esteve a serviço da mesma camisa amarela. Tornou-se dono da camisa 10 em 1958, para fazer dela a sua marca, um símbolo mundial. "A Argentina e o jogo não eram tão importantes assim. Eu só pensava no pessoal lá de casa, ouvindo no rádio: gol do Brasil, gol de Pelé, gol meu." Em 108 jogos (sem contar as duas despedidas), ouvimos 96 vezes pelo rádio: gol do Brasil, gol de Pelé.

Desta vez todo mundo entenderá o nome direitinho: Pelé.

Obrigado, Negão.

LEMYR MARTINS

A ÚLTIMA VEZ COM O SANTOS

Naquele jogo contra a Ponte Preta, o Santos não estava de branco e faltou o gol derradeiro, como descreveu o editor **José Maria de Aquino**

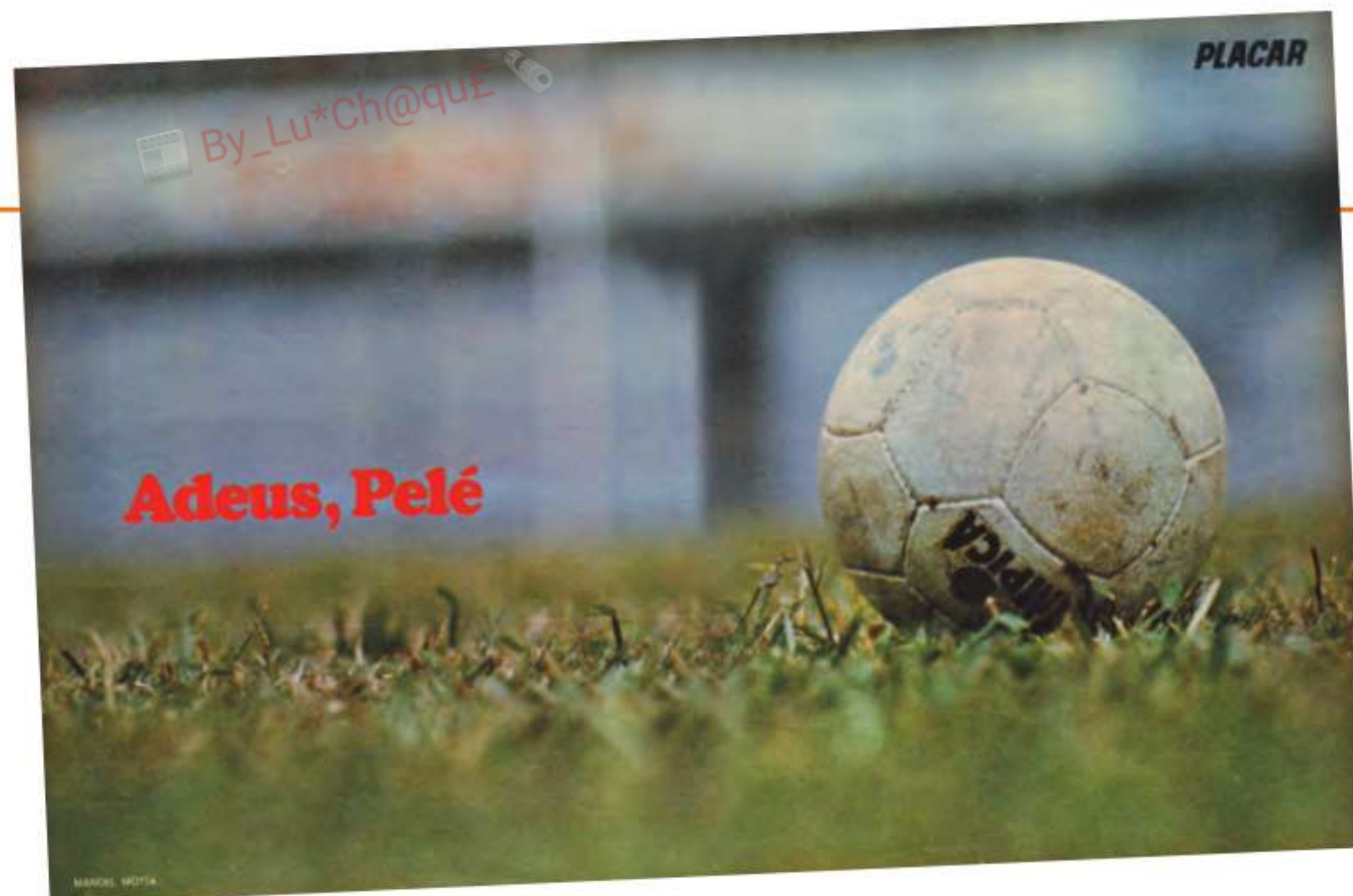
Publicado em 11 de outubro de 1974

MANOEL MOTTA

Foi até o centro do campo, caiu de joelhos, virou-se para os quatro lados, abriu os braços em cruz e balbuciou algumas palavras agradecendo a seu Deus e reverenciando seu povo. Ergueu-se sem perceber o silêncio momentâneo de quase 25 000 vozes, sentiu que as lágrimas já se misturavam ao suor, enxugou a testa enrugada pela preocupação, tirou a camisa que não era a totalmente branca — como ele gostaria que fosse —, começou a correr em direção às sociais, início da volta olímpica, últimos passos de uma carreira que durou dezoito anos. E quando o primeiro torcedor a chegar perto dele tentou tirar-lhe a camisa firmemente segura pela mão direita, defendeu-a como se fosse a coisa, a joia, o troféu, o bem mais precioso entre os tantos que conseguiu na vida.

Falou duro e passaria dos gritos, se fosse preciso. "Esta, não. Esta é minha. Esta é minha. Saia da frente, por favor." E cercado, empurrado, agarrado, tonto entre fios, microfones, máquinas e uma manifestação morna, digna de um público ainda chocado, ainda um pouco surpreso, ainda sem poder realizar o tamanho da perda que naquele instante o futebol sofria, o encerramento de uma era, a dor de um ídolo que morria em vida, quase quieto quando também devia chorar, ele, Pelé, não via nem ouvia nada. Repetiu muitas vezes um agradecimento resumido na palavra "obrigado", foi empurrado para mais uma última volta, conseguiu resistir, pediu, implorou, desceu e subiu pela última vez as escadas do velho túnel, fugiu do último encontro marcado com a imprensa, passou por mais duas portas e sumiu num carro de polícia, buscando o descanso com que sonham os aposentados. Nas mãos levava apenas a camisa preta e branca, número 10. "Vai ficar na minha sala de troféus", disse.

Quando, nos últimos vinte minutos em que viveu só como Pelé, tentou repetir pelo menos um pouco de tudo que fez nos seus dezoito anos de glórias, gritando, xingando, reclamando dos companheiros e das marcações do juiz, orientando, lançando Cláudio em profundidade, num passe primoroso, matando no peito, na corrida, uma bola que poderia ter acabado nas redes, como nos velhos tempos, cabeceando outra para fazer morrer na garganta da torcida o grito de gol que o goleiro Carlos, da Ponte Preta, não deixou ser completado.

Quando correu chorando, acenando seu último adeus, sabia que apenas Dondinho e tio Jorge estavam ali, presentes, misturados à multidão, provavelmente chorando mais do que ele. Nem a mulher, que poucas vezes teve sua autorização para vê-lo jogando de perto, ao vivo. Foi tão grande como jogador que hoje só há uma esperança de que no próximo século surja outro igual a ele.

O pôster publicado em PLACAR, com a bola "sozinha", a multidão de fotógrafos e repórteres acompanhando a entrada em campo do Santos e a pose inesquecível, ajoelhado e com os braços abertos em cruz: o público chocado mal conseguia perceber o tamanho da perda que o futebol sofria

MANOEL MOTTA

A ÚLTIMA VEZ PELO COSMOS

Enviado especial de PLACAR a Nova York, **Lemyr Martins** descreveu como foram "os últimos dias de Pelé jogador, os primeiros dias do cidadão do mundo"

Publicado em 11 de outubro de 1977

PELÉ

O dia em que a ONU virou fã-clube

Sem o menor desrespeito, a palavra correta seria assanhamento: foi assim que reagiram os embaixadores, os convidados, os funcionários no dia em que a ONU homenageou Pelé, dando-lhe o título de cidadão do mundo. Foi um momento de glória e de caos: todos queriam abraçar o Rei, posar a seu lado, apertar sua mão. Até mesmo viver um pouco de sua emoção.

DE TRES CORAÇÕES PARA O MUNDO

O gol que Pelé fez, faltando um minuto para o final do primeiro tempo, foi o início da desvairada emoção que viveria o estádio do Giants, em New Jersey. Logo depois, no vestiário do Santos, esse desvario se convertia em obsessão. Esqueciam-se as táticas, esquecia-se a timidez, esquecia-se a falta de familiaridade com o piso artificial. Só havia um desejo — o de um gol de Pelé contra o Cosmos. O Santos — era quase uma prece de seus jogadores — não entraria para a história como o último time a sofrer um gol de Pelé.

Mas entrou — só que, no final, não haveria nenhum sentimento de humilhação. Pensando bem, foi no estádio do Giants que se deu o reconhecimento mais festivo, mais ostensivo da glória que teve o clube em lançar para o mundo o talento de Pelé. O jogo?

Foi assim: o Pelé gênio jogando pelo Cosmos, o Pelé coração sofrendo com o Santos. Foi o coroamento de uma exaustiva semana de festas.

Meia hora antes da solenidade em que Édson Arantes do Nascimento iria receber, na sede da Organização das Nações Unidas, um título destinado às grandes personalidades — o de cidadão do mundo —, havia uma pessoa particularmente preocupada em meio à multidão que aguardava a chegada de Pelé. Era Cecil Redman, um mulato alto e forte, vice-diretor do serviço de segurança da ONU. "Esse é um tipo de segurança a que eu e meus colegas não estamos habituados", diz. Afinal, é a visita de um rei — um Rei do Mundo.

Houve muita confusão nos normalmente calmos, pesadamente sisudos corredores e salões da ONU. Entre empurrões, apelos, gritos e sussurros, foi difícil seguir o roteiro programado — tanto que metade do protocolo deixou de ser cumprida. Quando os homens tentavam — porque a rigor não conseguiam — proteger Pelé, foram obrigados a encostar o Rei num canto do hall do elevador.

Depois, não seria apenas um banquete. Os discursos de Mauro Ramos, Hilderaldo Bellini e Carlos Alberto Torres — os capitães das três Copas vencidas pelo Brasil — tinham o inevitável cheiro de saudade das grandes conquistas. Conquistas que, insinuaram todos, eram devidas em maior parte a Pelé.

LAERTE

VOCÊ VIU A DESPEDIDA DO PELÉ?

NÃO...

NÃO FAZ MAL. VOCÊ VÊ A DO ANO QUE VEM.

LAERTE/ACERVO PLACAR

ACERVO PLACAR

Disputando uma bola com o velho parceiro Clodoaldo e a charge de Laerte, ironizando as muitas despedidas do Rei

Viriam mais emoções quando o cidadão do mundo voltou a falar de suas origens. "Sei que este momento vai ser como foi toda a minha carreira: fácil de começar, mas não sei como vai terminar".

No final — depois de confessar que tomara calmante para evitar uma emoção excessiva — pediu ao pai, Dondinho, e à mãe, dona Celeste, que fossem até ele. Iria apresentar, disse, os culpados por tudo o que ele é; ou, no mínimo, por tudo o que as pessoas dizem que ele é. Nem terminou a frase e vieram as lágrimas. As suas, as dos pais. As de uns tantos amigos. O imenso salão ficou silencioso. Foi o fim de uma era que ficará marcada como a maior vitória de um jogador de futebol: trazer dos campos, dos dribles, dos gols, a conquista do mundo. ■

RONALDO KOTSCHO

O CIDADÃO SEM A BOLA

No nascimento do filho, no cotidiano do lar, na carreira de ator, em sua primeira incursão na política – PLACAR sempre esteve de olho em Edson

PLACAR seguiu, desde sempre, a vida de Pelé além dos gramados — com um acesso à intimidade do Rei que poucos veículos de comunicação tiveram. Nos anos 1970, a revista acompanhou o nascimento de seu filho, Edinho, futuro goleiro, e revelou seu inacreditável e riquíssimo tesouro de troféus, medalhas, diplomas e homenagens. Mas o gol de placa do Pelé fora dos campos foi publicado em 1984. No auge da campanha pela volta das eleições diretas para presidente, o ex-jogador estava no Rio filmando *Pedro Mico*. Alguns dias antes de iniciar o trabalho, ele apareceu na TV com uma réplica da Taça Jules Rimet declarando apoio às Diretas Já. Ronaldo Kotscho, fotógrafo de PLACAR, tomou para si a tarefa de conseguir a inédita (e exclusiva) imagem de Pelé com uma camisa em favor do movimento pró-democracia. Velho conhecido do Rei, ele chegou sem avisar ao Morro do Pavãozinho, onde ocorriam as filmagens. Com uma camisa da seleção pintada com a frase da campanha, disse que perderia o emprego se não conseguisse a foto. Pelé estava irredutível, e Kotscho teve uma ideia: exibiu a camisa para as pessoas que se aglomeravam diante do set. Aí não houve saída. "Alemão, te dou dez segundos". E assim foi. Na capa de PLACAR, na semana seguinte, aparecia apenas Pelé, "recortado" sobre um fundo azul, com as letras pretas se destacando na camiseta canarinho *(veja na pág. 53)*. A foto original está aqui ao lado, com os fios aparentes e as casas de madeira da favela carioca. Mais um golaço da fabulosa história de PLACAR e Pelé. Nas páginas internas, ele reforçava sua visão: "O governo atual já teve a oportunidade dele. A pressão é muito grande e acho que todo mundo deve ter essa oportunidade *(de votar)*. Essa é outra Copa que a gente tem de ganhar e foi por isso que ergui a minha réplica da Jules Rimet pelas eleições diretas".

"Até hoje sonho com aquele gol de placa. Ter vestido a camisa da seleção com o slogan da campanha das Diretas Já é inesquecível. Acho que ajudou o povo brasileiro no caminho pela liberdade."

A imagem original da foto que foi capa de PLACAR em 1984: Pelé no Morro do Pavãozinho, no Rio, no meio de uma filmagem, cedeu à pressão do fotógrafo da revista

TESOURO ESPECIAL

A bola do gol 1 000 de 1969, o *sombrero* do jogo 100 pela seleção, incontáveis troféus, diplomas e medalhas... — o repórter **Michel Laurence** e o repórter fotográfico **Sebastião Marinho** revelaram a extraordinária coleção pessoal que o Rei guardava em casa

Publicado em 24 de julho de 1970

Pelé com a bola do milésimo gol *(à esq.)* e com uma coroa dada pelo governo de Minas Gerais após marcar o gol 1 000 no Maracanã: "Dizem que ela é muito antiga, do tempo da escravidão, que pertenceu a um conselheiro"

SEBASTIÃO MARINHO

Uma enorme coroa de ouro, com uma enorme bola de prata por cima. Abaixo dela um sorriso amigo, que muita gente já tentou definir. A seus pés, em cima de uma mesa de centro, um tesouro. Ouro, prata, pedras preciosas misturam-se numa fantasia que só a imaginação consegue alcançar. Um pouco separadas, na mesa, estão uma bola de futebol e uma camisa branca, de pano comum de algodão. Parecem destoar no meio desse tesouro. Só que na camisa branca estão bordados o escudo do Santos Futebol Clube, duas estrelas douradas e um enorme 10 em preto, nas costas. Foi com essa camisa e essa bola que Pelé conseguiu o milésimo gol de sua fantástica carreira. "Sabe, vou mandar isso tudo para a exposição que o Bobby Moore, o capitão da seleção da Inglaterra, está organizando. Já fiz o seguro, que deve ser aprovado. Só a camisa avaliei em 60 000 dólares (300 000 cruzeiros)", diz. Para todos os troféus e coroas que estão sobre a mesa, Pelé pediu um seguro de 300 000 dólares. "Muitos dos meus troféus já sumiram. A camisa azul da CBD, da final da Copa do Mundo de 1958, sumiu numa exposição, para a promoção do meu filme (*O Rei Pelé),* e nunca mais apareceu", lembra o Rei. Na mesma mesa também está um *sombrero* todo de prata e trabalhado com desenhos como os verdadeiros chapéus mexicanos. "O povo mexicano é um dos melhores que conheço. A ele devemos um pouquinho do tri. Vocês podem não acreditar, mas não tenho ideia de quantos troféus e medalhas ganhei até hoje. Só em medalhas tenho mais de 2 000."

Pelé agora está na rua. Uma menina vem correndo, com um sorvete na boca, e o puxa pela manga. Mostra um caderno e uma caneta, sem dizer nada. Pelé sorri, abaixa-se, assina o autógrafo e a menina sai correndo. "Meu maior troféu não está em nenhuma prateleira", diz. "Meu maior tesouro foi ter ajudado a fazer o Brasil conhecido pelo mundo."

O NASCIMENTO DO HERDEIRO

Os repórteres **Narciso James** e **Michel Laurence** estavam em Santos quando nasceu Edson, filho do papai Edson, que sonhava em dar a ele "um futuro sem a sombra do seu nome, sem a fama de Pelé" — missão para lá de inglória para um mito universal

Publicado em 4 de setembro de 1970

— Meu Deus, um menino! Engraçado como as coisas me acontecem. Eu estava preparado para que fosse uma menina. Um menino! Agora, meus planos têm de mudar completamente.

— Pelé, por favor, segura o garoto mais uma vez?

— Tenho de pedir para que tomem cuidado com os flashes. Acho que atrapalham a vista do menino. Ele faz cara feia toda vez que um é disparado.

— Pelé, será que ele vai ser um grande jogador de futebol?

— Não sei. Mas já estamos pensando no menino em termos de Pelé. Não é nada disso que eu quero. Vou ter de tomar cuidado para que minha fama e o futebol não interfiram na vida dele. Ele tem de ser o que ele quiser. Pode ser até que ele nem goste de futebol.

— Por favor, mais uma foto.

— Por hoje chega, o menino tem de descansar. A Kelly Cristina está feliz. Agorinha mesmo estava anunciando, no quarto ao lado, que nasceu seu irmãozinho. Até agora tudo lá em casa era para ela. Com o menino, pode estranhar, ficar com ciúme.

***

A festa foi planejada para comemorar o aniversário de Ramos Delgado e de Júlio Mazzei, no restaurante de Ramos Delgado, o Casarão do Lucas, em São Vicente, litoral de São Paulo.

JORGE GUIMARÃES

A família Nascimento na maternidade *(ao lado)* e o menino Edson, em foto publicada em PLACAR em 1974, quando Pelé se despediu do Santos *(acima)*: "Um menino com responsabilidade demais"

— Como é, Pelé? Um novo rei?

— Não comecem a chamar o menino de "novo rei". Eu não quis que ele se chamasse Edson Arantes do Nascimento para não ser Júnior ou Filho. Isso vai complicar a vida dele.

Júlio Mazzei ri sem parar: "O Crioulo está tontinho, dando bom-dia às 9 da noite. Está bobo, bobo". A mulher de Ramos Delgado aproxima-se de Pelé. Pede a ele que se levante para abraçá-lo e começa colocando um babador em torno de seu pescoço. Depois, uma fralda amarrada à cintura. Uma chupeta na boca e finalmente um banho de talco. Pelé aceita tudo rindo, brincando. Nada parece ter importância para ele, a não ser um menino, de olhos fechados, que está nos braços da mãe, na maternidade.

— Um menino com responsabilidade demais. Um menino para quem eu não quero a minha vida.

SEBASTIÃO MARINHO

EM CENA, UM NOVO MALANDRO

Pelé apostava com força na carreira de ator em um momento decisivo para o Brasil, que brigava para voltar à democracia, como contou a repórter **Regina Echeverria**

Publicado em 20 de abril de 1984

Será que o Brasil aguenta? Vinte e oito anos depois de ter iniciado a mais retumbante carreira da história do futebol, tempo em que mereceu o título de atleta do século e em que preservou uma impecável folha de serviços prestados à moral e aos bons costumes, o inigualável Pelé resolveu entrar em cena para mais um drible.

O Brasil verá no cinema, até o fim do ano, um Pelé de bigode cafajeste, costeletas, cabelos menos arrepiados — um bandidão dos brabos, que só vai entrar em mansões para assaltar milionários. Vai morar no morro e namorar uma prostituta. Vai fumar e beber cerveja. Em seu décimo filme, Pelé será Pedro Mico, um ladrão. Trata-se do personagem principal da história que Antonio Callado escreveu em 1958 para o teatro e que agora foi adaptada para as telas pelo cineasta Ipojuca Pontes. O diretor levou quase um ano e meio para convencer sua relutante estrela. "Ninguém melhor do que ele driblou os adversários e o subdesenvolvimento", acredita Pontes. "É, pensando bem", diz Pelé, "toda minha escalada, o sucesso de um garoto pobre, sem estudo, pode ter sido um drible no destino, um grande drible." "Há seis meses recusei viver um gigolô envolvido no tráfico de drogas no cinema americano", diz ele, ao contar por que achou um bom motivo para encarnar o marginal Pedro Mico: "Ele representa a convivência entre a polícia e os bandidos, coisa que acontece no Brasil e tem mesmo de ser denunciada".

Quem diria que este é o velho Pelé que todos nós conhecemos. Ele já surpreendera o país dois dias antes de começar as filmagens, no dia 13 de março, ao erguer na televisão a réplica da Taça Jules Rimet numa saudação à campanha por eleições diretas já. "Chegou o Pelé 1984", anuncia. Aos 43 anos, admite estar em processo de "grande mudança", amadurecendo suas concepções de vida, sua visão de mundo. Playboy, homem de negócios, ator. Admirado como o maior jogador de futebol do mundo, mas muitas vezes criticado das mais variadas formas que podem disfarçar a inveja — ou porque se recusa a maiores elaborações quanto a suas posições políticas, como se fosse obrigado a ser um filósofo, ou porque cuida com extremo zelo de seus negócios, como se tivesse de assumir a culpa pela pobreza nacional, a verdade é que Pelé se revela cada vez mais vitorioso em tudo o que faz. ■

RICARDO BELIEL

Pelé, caracterizado como Pedro Mico *(acima)*: em sua décima participação no cinema, ele mostrava uma face mais preocupada com a política e a realidade do povo brasileiro

Contracenando com Juciléia Teles numa "birosca de favela" *(abaixo)* e no camarim *(à dir.)*, antes das filmagens: "O personagem representa a convivência entre a polícia e os bandidos, coisa que acontece no Brasil e tem mesmo de ser denunciada"

FOTOS RICARDO BELIEL

AS MUITAS CAPAS DO REI

PLACAR seguiu o jogador do apogeu, no México em 1970, até os anos de maturidade, ao se despedir dos gramados e então viver como mito

Quando a Editora Abril começou a planejar o lançamento de uma revista semanal sobre esportes, no início de 1970, o Brasil tinha um único assunto: a obsessão pela conquista do tricampeonato mundial de futebol, título que de fato veio, depois da brilhante sequência de vitórias do time canarinho nos gramados do México. E, claro, o camisa 10 da seleção era o maior ídolo esportivo daqueles tempos. Assim, desde a edição número 1 de PLACAR, Pelé estava lá, na capa, para alegria dos torcedores, que buscavam seus exemplares nas bancas espalhadas pelo país. Nestes cinquenta anos, o craque se consagrou como Rei do Futebol, o atleta do século, o ícone de incontáveis gerações em todo o planeta. Nas capas de PLACAR, há uma amostra da história de Pelé, dentro e fora dos campos, em sua derradeira fase, a caminho da aposentadoria e da vida como mito, em que passou a se referir a si mesmo na terceira pessoa. Nas próximas páginas, você revê uma antologia das capas em que Pelé apareceu, desde aquele março de 1970 até hoje — ora ocupando a página inteira, ora com destaque mais modesto, mas sempre no centro das atenções. ■

"Tive a honra de estampar a capa da edição número 1, que, ainda por cima, vinha com uma moeda de minha efígie de brinde."

20/3/1970 A primeira edição de PLACAR chegou às bancas com Pelé prometendo ganhar a Copa do Mundo e trazer em definitivo a taça Jules Rimet para o Brasil; além de Tostão e do ex-técnico da seleção João Saldanha

PLACAR

A REVOLUÇÃO DE SALDANHA

REVISTA SEMANAL ESPORTIVA DA EDITÔRA ABRIL ● NÚMERO 3 ● 3/ABR/70 ● NCr$ 1,00

DESVIARAM DINHEIRO DA SELEÇÃO!

PELÉ QUER SAIR DO SANTOS

Pesquisa O POVO QUER TOSTÃO

3/4/1970 Antes do início do Mundial, Pelé apareceu pela primeira vez sozinho na capa da revista, como personagem de duas reportagens, uma contando como haviam caído investimentos na seleção e outra falando dos planos do craque de sair do Santos

8/5/1970 A “denúncia” dos sonhos: jogadores escalaram a seleção do tri

5/6/1970 Na semana da estreia no México, o craque com *sombrero*

12/6/1970 Já na Copa, destaque para as fotos “em côres”

26/6/1970 Pelé, a taça, a multidão. A melhor representação da conquista

11/7/1970 Duas semanas depois do tri, o Rei estava sob suspeita

24/7/1970 Em casa, ele foi fotografado com seus troféus

4/9/1970 Com o filho Edinho no colo

6/11/1970 O Santos em baixa no Brasileirão

23/7/1971 A despedida pela canarinho

3/12/1971 O histórico encontro com Afonsinho

5/2/1971 A Bola de Prata e o jogo 1 000

26/3/1971 Pronto para se aposentar da seleção, o grande herói do México acabou passando a camisa 10 para Rivellino, companheiro da vitoriosa e invicta campanha no México e líder do arquirrival Corinthians

16/7/1971 O maior ídolo de todas as torcidas

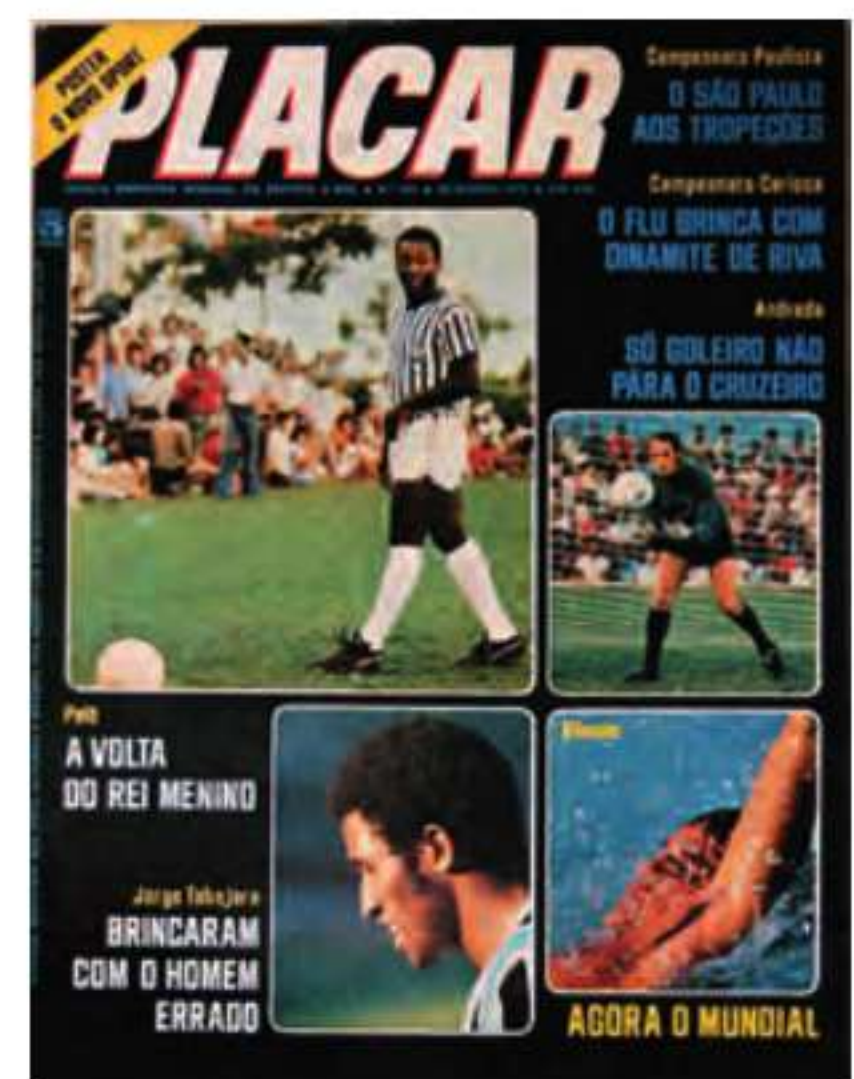
13/10/1972 Credor do time do coração

25/5/1973 A esperança de jogar a Copa de 1974

21/12/1973 Edson ou Pelé, eis a grande questão

11/10/1974 Dezoito anos depois de estrear como atacante do Santos (e após ganhar tudo), Pelé preparava, de fato, seu adeus aos gramados brasileiros, reconhecido como o maior de todos os tempos. A nova estrela era Emerson Fittipaldi.

2/7/1976 A vida americana dentro e fora dos campos

20/9/1974 O adeus pela camisa santista

28/3/1975 Um ensaio para calçar de novo as chuteiras

7/3/1975 A permanente busca pela rede

30/5/1975 Com o sucesso da Fórmula 1, virou coadjuvante

27/6/1975 A popularização do *soccer* nos EUA

7/10/1977 Aos 37 anos, o derradeiro adeus, pelo Cosmos

3/10/1980 Sua Majestade brilhou na festa do Kaiser

12/11/1982 De terno, usando seu prestígio para seguir influenciando o futebol brasileiro

19/11/1982 Juntos em campo, pela seleção, Pelé e Garrincha nunca perderam

PLACAR

N.º 1.053
23/OUTUBRO/1990
Cr$ 250,00

TUDO SOBRE SUA VIDA E SUAS GLÓRIAS

- OS GOLS E OS TÍTULOS
- PARCEIROS E AMORES
- AS IMAGENS INESQUECÍVEIS
- TABELÃO COM TODOS OS SEUS JOGOS

OS 50 ANOS DO REI PELÉ

23/10/1990 O sorriso franco e aberto do Rei cinquentão: há três décadas, edição histórica com a lista de todas as partidas disputadas pelo craque e os fantásticos mais de 1 000 gols

31/12/1982
Os cinquenta anos de futebol profissional

20/4/1984
De amarelo, em nome da democracia

13/2/1990
A premiada reportagem sobre o primeiro time

1º/6/1990
Memórias das três Jules Rimet de Pelé

Agosto/1989 Ao completar 1000 edições, PLACAR não podia ter outro personagem na capa comemorativa

29/6/1990 O comentarista Pelé detalhou o fiasco do time de Lazaroni

Março/1999 O número 10 nas costas, o corpo pronto para o drible: inconfundível

Abril/2010 Na edição de quarenta anos da revista, o Rei apresenta mais um candidato a sucedê-lo no panteão dos ídolos, um certo camisa 10 do Santos chamado Neymar

Maio/2012 Messi segue sendo um fenômeno, mas não chegou a Pelé

Maio/2020 No cinquentenário da indelével vitória mexicana

GAROTO-PROPAGANDA

Décadas antes de Messi e CR7 venderem chuteiras e camisetas, Pelé já era precursor do marketing esportivo (ou quase isso)

Dá para imaginar o camisa 10 dando um soco no ar de sapato, terno e gravata? Pois é, Pelé foi também um dos precursores de um certo tipo de marketing esportivo. Se tornou uma "marca" global muito antes de as pessoas falarem em globalização. Desde as primeiras edições de PLACAR, em 1970, lá estava ele como garoto-propaganda. Na época, um de seus principais contratos era com a marca de roupas Ducal (e seus paletós alinhadíssimos, de três e quatro botões), hoje inexistente. Era a "roupa 10". ■

A ROUPA 10.

MODÊLO GOLDEN-TEN

Roupa com 6 botões. Amplo transpasse abotoando perto do colarinho. Silhueta alongada. O corte central nas costas é maior, portanto mais elegante. Tergal.

SÓ 178,

MODÊLO SILVER-TEN

Roupa descontraída está aí. Modêlo 4 botões em linha. Pespontos duplos. Gola e lapela em "V". Bôlso superior com portinhola. Corte central nas costas. A grande bossa. Tergal.

SÓ 178,

EM 4 MESES SEM JUROS OU ATÉ UM ANO PARA PAGAR

Fim. Ponto final. Acabou a roupa quadrada.
Depois de dormir 15 anos, a moda masculina resolveu acordar. E surgiu a ROUPA 10.
Repare:
Silhueta alongada, ombros mais largos.

Peito prá fora, barriga prá dentro.
Liberdade de movimentos.
Esta é a tendência do Homem 70.
Esta é a ROUPA 10.

Uma criação SPARTA

ROUPA 10 SÓ NA Ducal

A DESNECESSI

IDADE DO GOL

Com Pelé e Lemyr Martins em campo, a magia do futebol prescindia de bola na rede

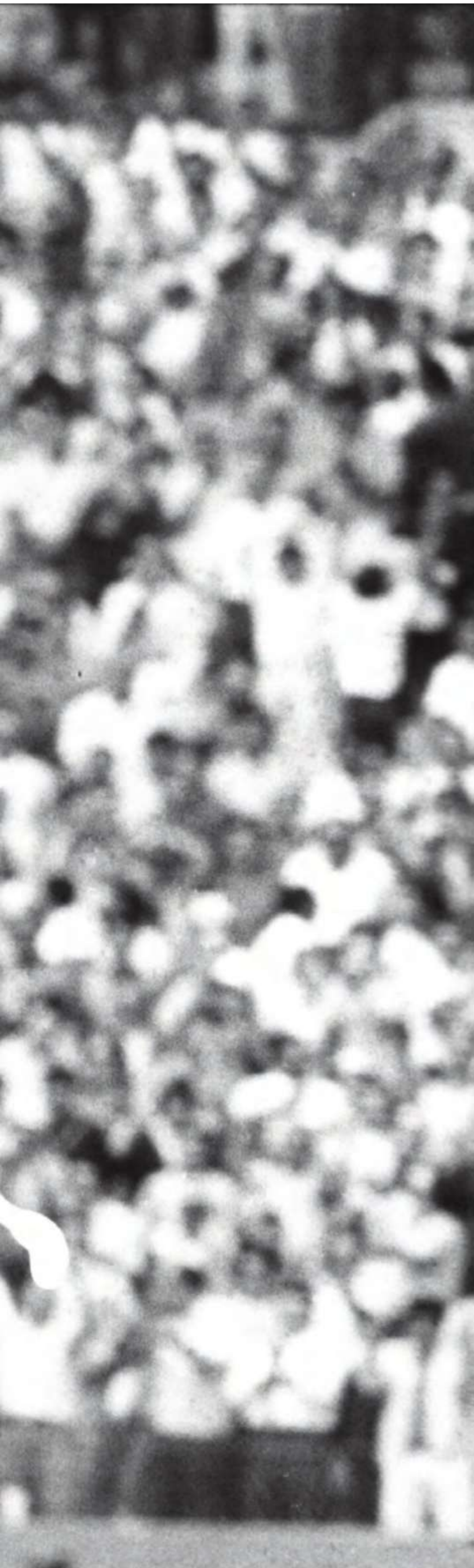
Christian Carvalho Cruz

É noite num dos olhos do fotógrafo Lemyr Martins. E no outro, fim de tarde. Os amigos o sacaneiam dizendo que ele perdeu a visão daquele que já fechava para fotografar, o direito. Do esquerdo restam 70%, o suficiente para cuidar das orquídeas em sua chácara no interior do Rio Grande do Sul pela manhã, depois caminhar e, nos melhores dias da semana, assistir a quantos jogos de futebol a televisão mostrar. Pena que ler tenha se tornado um deleite que as complicações da catarata embaçaram. Hemingway e García Márquez sentem saudades. "Não é fácil, a gente perde a noção de profundidade. Mas já vi muita coisa bonita na vida, então tudo bem", Lemyr se resigna, com a sinceridade dos 83 anos.

"Brinco sempre: fui acompanhado por um fotógrafo desde meu nascimento, em Três Corações, e esse implacável marcador estava a serviço de PLACAR."

No flagrante da reação do Rei depois do quase gol do meio de campo contra a Checoslováquia, no primeiro jogo da seleção brasileira na Copa de 1970, cabe todo o lamento do mundo

CRED

Entre tanta beleza, ele nem precisa pensar muito para responder, nenhuma foi maior do que ver Pelé com a camisa branca do Santos jogando na Vila Belmiro ao luar. "Aquela figura de ébano deslizando sobre o campo, o contraste da pele com o uniforme, os movimentos sincronizados e vigorosos mal iluminados pelos refletores ruins da época... Para mim era um espetáculo de balé", descreve Lemyr. Primeiro com uma Rolleiflex, depois com uma Nikon, e toda sorte de lentes e filmes, ele perseguiu Pelé pelos campos do mundo por quinze anos, de um Grêmio x Santos no Estádio Olímpico em 1962 à despedida pelo Cosmos, nos Estados Unidos, em 1977. *Última Hora, Zero Hora, Jornal do Brasil, Estadão,* PLACAR. Foram retratos para entrevistas, reportagens, registros de treinos, vestiários e, acima de tudo, jogos — Pelé em ação. "Como Éder Jofre e Emerson Fittipaldi, Pelé se 'autofotografava'. Muito plástico, ele nos dava as fotos", diz Lemyr. "Eu o acompanhava pelo visor da câmera o tempo todo. De

repente ele parava. Era um sopro, um átimo. Ali eu começava a disparar, pois sabia que uma boa foto estava a caminho." Não que Pelé posasse ou enfeitasse uma jogada só para aparecer majestoso nas páginas dos jornais e revistas. Pelo contrário. "Em campo ele era muito concentrado. Para ele só existiam a bola e o corpo, que falava. Os pés dele falavam, os braços, os olhos. Era pura concentração e determinação. Um operário completamente entregue ao seu trabalho."

Muita gente boa fotografou muito bem Pelé. Sérgio Jorge, Marcio Scavone, Bob Wolfenson, Sebastião Marinho, Domício Pinheiro, Orlando Abrunhosa, os irmãos José e Raphael Herrera. O que torna especiais as fotos de Lemyr? Talvez uma compreensão diferente sobre o futebol e Pelé. Um vez o escritor Fernando Sabino escreveu que não se tratava de um ídolo das multidões: "Não é também o Rei, o Crioulo, o Negão, ou como quer que se refiram carinhosamente a ele. É apenas um homem que sabe dar aos outros homens o melhor de sua capacidade criadora, como um artista". Lemyr sacou isso, porque seu território não era o do futebol como esporte, mas como realidade fantástica. Assim como o jogo, com suas linhas, ângulos, retângulos, triângulos e circunferências, muito da fotografia é geometria. Mas também tem a ver com estar presente, de preferência em contentamento. Com a câmera atada ao olho, Lemyr via toda essa bênção que por vezes escapa à nossa cega avidez pelo gol. É o dom de um craque. Uma fagulha que o aproximava de um camisa 10 a ditar o ritmo de nosso olhar e preencher aos poucos o nosso imaginário. Lemyr nos ensinou a ver Pelé num tempo em que Pelé era mais para os ouvidos. É nesse ponto, então, que os dois gênios se conectam: Lemyr e Pelé eram dois dribladores vorazes da banalidade.

A *Mona Lisa* do Lemyr é o Pelé socando o ar depois de marcar o segundo gol do Brasil na estreia contra a Checoslováquia na Copa de 1970, no México. É a eternização de um gesto, da grandiloquência de um fora de série no cume da vida. A gente não precisa ter visto Pelé jogar, nem ter assistido ao videotape daquele jogo para reter a alegria e o poder do futebol. A fotografia de Lemyr nos dá isso. Talvez porque ela contenha um paradoxo: é ao mesmo tempo sutil e potente, suave e explosiva, angelical e despudorada, brisa e tempestade. Como *O Berlinde Azul*, imagem da Terra capturada do espaço pela Apollo 17, em 1972. Ou *O Rapto de Prosérpina*, de Bernini. Einstein com a língua de fora. O Churchill de Yousuf Karsh. Ou o próprio sorriso da Gioconda. Mas deixemos o soco no ar flutuando por ora. Não há muito mais o que falar dele, a não ser que há outro registro do mesmo lance, tão belo quanto, melhor para alguns, por desvelar Tostão no segundo plano, feito pelo fotógrafo Orlando Abrunhosa, da revista *Manchete*.

Naquela mesma partida, Pelé e Lemyr perpetraram outra obra-prima. Pelé tentou um gol do meio de campo, a bola não entrou por centímetros. A ousadia que "falhou" ficou na história, mas a decepção do Rei só Lemyr congelou. O camisa 10 de costas, com as mãos na cabeça, encerra todo o lamento do mundo. Ainda no Mundial de 1970, Lemyr fotografou mais um não gol de Pelé, agora a partir de um ponto de vista pouco visto cinquenta anos depois. É o famoso drible de corpo no goleiro uruguaio Mazurkiewicz e o chute caprichoso para fora. Lemyr tinha Pelé de frente, olhos na bola, levitando sobre o gra-

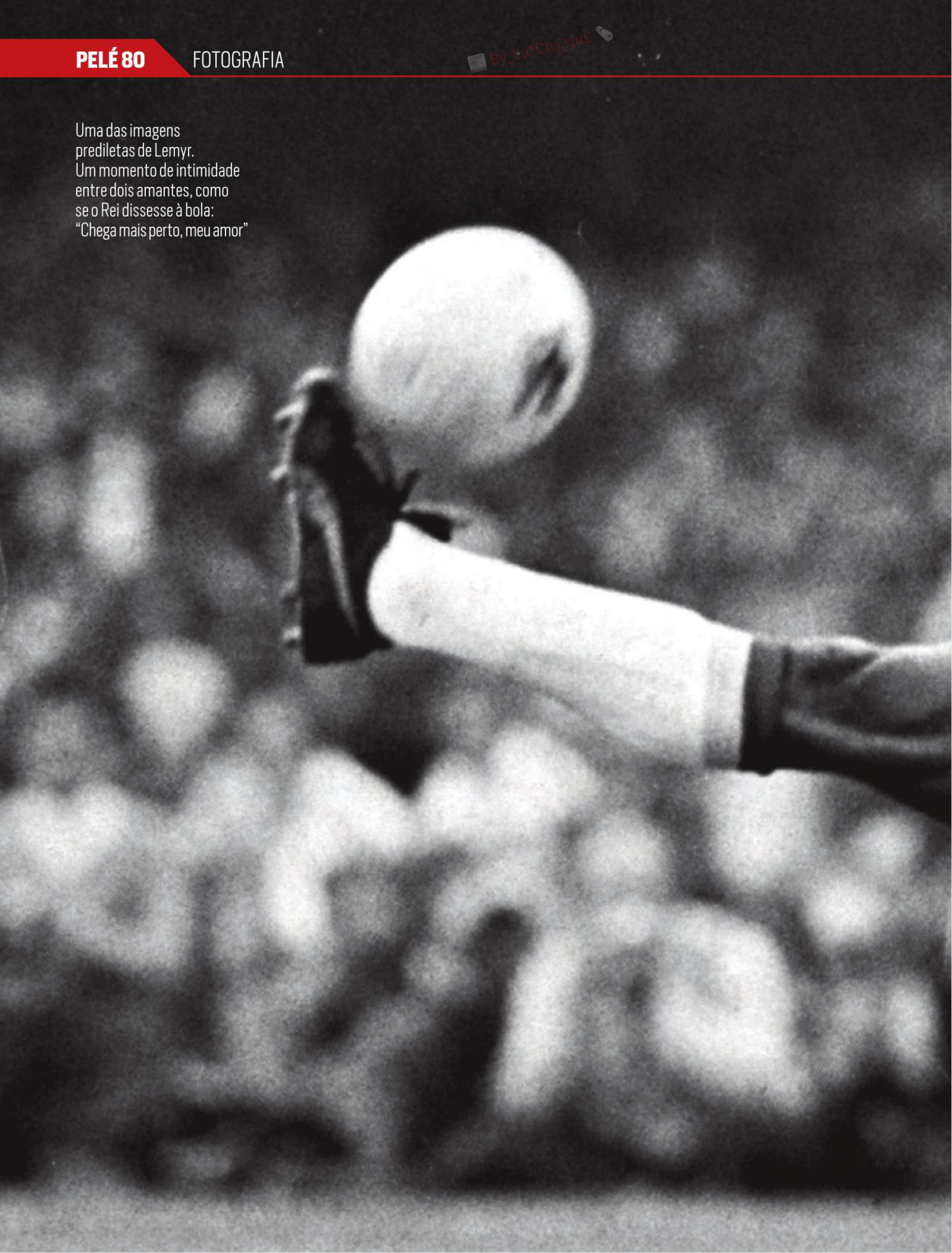
Como a *Mona Lisa*, de Da Vinci, ou *O Rapto de Prosérpina*, de Bernini, a obra-prima de Lemyr contém um paradoxo: é ao mesmo tempo sutil e potente, suave e explosiva, angelical e despudorada

mado como um puro-sangue inglês no sprint final. Na plateia fora de foco ao fundo, todos em pé, a expressão corporal dos torcedores denuncia uma mistura de espanto, êxtase e incredulidade. Eu faria uma sala no MoMA só para essa imagem. E outra no d'Orsay.

A verdade é que Pelé e Lemyr fizeram o diabo no México. Tem a cabeçada fulminante para a "defesa do século" do goleiro inglês Gordon Banks. Lemyr conseguiu a proeza de fotografar os dois atos, separados por milésimos de segundo, na velocidade do obturador e do avanço automático que sua Nikon permitiam. Mais do que os movimentos da jogada, o que ele não esquece é o som: "Foram dois baques secos em sequência. Tum-tum! Um da cabeçada, outro da defesa. Eu me emocionei ao ouvir 83 000 espectadores do Estádio Jalisco, de Guadalajara, dividirem os aplausos entre a levitação do Rei e o milagre de Banks". As duas fotografias são impressionantes, mas a da defesa é mais. Não me refiro ao lance, tão marcante e inesquecível, mas à imagem gravada no negativo preto e branco de Lemyr. Embora ela não enquadre Pelé, quando a virmos isolada, se, digamos, tropeçarmos nela na rua, imediatamente saberemos que se trata de uma foto de Pelé. É o retrato perfeito, definitivo, do Rei do Futebol.

Sartre dizia que num jogo de futebol tudo é complicado pela presença do time adversário. Talvez não conhecesse Pelé. Certamente não conhecia Lemyr. Os dois descomplicavam o futebol. Em sua galeria de fotos prediletas do Rei, Lemyr pinçou uma bem simples: Pelé dominando a bola no bico da chuteira. "Gosto desta imagem porque

Na imagem maior, o drible no goleiro uruguaio Mazurkiewicz visto de um ângulo pouco conhecido. Pelé flutua sobre o gramado. Nas imagens menores, a sequência da "defesa do século" do inglês Gordon Banks

Uma das imagens prediletas de Lemyr. Um momento de intimidade entre dois amantes, como se o Rei dissesse à bola: "Chega mais perto, meu amor"

ela congela a intimidade entre os dois", ele explica. É isso. Olho de novo para a fotografia. E lá está um galanteio, um gesto carinhoso, um dengo. Como se Pelé dissesse à bola: "Chega mais perto, meu amor". É que no final das contas, assim com o futebol, fotografia é sobre isto: empatia, humildade e paixão.

Nosso cérebro é um arquivo de memórias interpretadas, porque propenso ao fulgor da nostalgia, do desejo e do revisionismo. Já a fotografia pode ser o relato permanente de um momento. O que as fotos de Pelé feitas por Lemyr nos mostram é um brinde às duas coisas, ao momento e à memória. Ao registrar a história do Rei do Futebol para a posteridade, elas também forjam nossos afetos em relação a ele. O Pelé que muitos de nós conhecemos foi criado em nossa mente pelas fotografias de Lemyr, uma mistura de suor e fantasia, invenção e realidade. É do Pelé socando o ar que sempre lembramos, não do Pelé dizendo que o brasileiro não sabe votar ou do Pelé que pediu para cuidarmos das criancinhas do Brasil.

Pelé e Lemyr sempre se deram bem. "Ele nunca me recusou uma foto. De cara dizia 'não', mas acabava cedendo", conta Lemyr. A personalidade afável e generosa do fotógrafo ajudava. Uma vez, contudo, Pelé ralhou com Lemyr. E a culpa nem era dele. A bronca era com a revista *Realidade,* também publicada pela Editora Abril, que trazia na capa de janeiro de 1971 a reportagem "Pelé, como viverá este velho". No retrato, um Pelé de bigode e cabelos grisalhos segurava uma bola de dinheiro. "Eu era da PLACAR, não da *Realidade.* Pelé sabia disso. Mesmo assim, veio me cobrar: 'Como é que vocês me colocam cheio da grana numa página e na outra contam a desgraça do brasileiro que vive com um salário mínimo?!'." Às vezes o Edson também batia um bolão.

Lemyr fotografou todas as despedidas de Pelé. A mais emocionante, porque definitiva, ele diz, foi a do Cosmos, em outubro de 1977. Foram as últimas imagens que ele fez do Rei. Depois disso, encontraram-se fortuitamente em três ocasiões. Em nenhuma Lemyr fotografou. Na última, num aeroporto nos anos 1990, assim que o viu Pelé mandou o cumprimento de antigamente: "Ô, PLACAR, você não larga do meu pé, hein?!". Os dois trocaram um abraço e Lemyr aproveitou para fazer uma pergunta que nunca tinha feito: "Rei, das tantas fotos que fiz de ti, qual a tua preferida?". Ele tinha certeza de que seria a do soco no ar na Copa de 1970. "Para minha surpresa e emoção, ele disse que era um retrato do pai dele, Dondinho, que fiz no dia da despedida do Cosmos. Uma foto pela qual tenho um grande carinho também", relembra Lemyr.

E, como se tudo tivesse acontecido ontem, ele resgata essa foto com sua memória esplendorosa: "Até o choro de despedida, convulso e emocionado, de Pelé, transmitido em alta-fidelidade pelos alto-falantes do Giants Stadium, em Nova Jersey, eu já esperava. Mas quando vi Dondinho enxugar as lágrimas com a camisa verde, número 10, do último jogo do filho famoso, sucumbi. Pedi-lhe que expusesse o troféu. Ele sustentou a camisa para a foto com sacrifício — parecia pesar muito. Usei a lente de 85 milímetros, com diafragma 1.8/60, para 400 asas, mas, ironicamente, a imagem não entrou na reportagem do adeus do Rei publicada na PLACAR número 389, de outubro de 1977. Uma foto simples e fácil de fazer, mas para mim foi a síntese da longa biografia de Pelé".

De novo, uma foto de Pelé sem Pelé na qual Pelé aparece por inteiro. Um golaço de Lemyr. ■

Lemyr, na imagem abaixo com Pelé no México, em 1970, fotografou por quinze anos o Rei, que brincava: "Ô, PLACAR, você não larga do meu pé, hein?!" À direita, Dondinho com a camisa usada na despedida do Cosmos, em 1977: imagem-síntese da longa biografia de Pelé

PELE
10

PAULO CEZAR CAJU

O SONHO DE UM MENINO

Estar ao lado do Rei nas eliminatórias de 1969 e na Copa do México foi conviver com um grande ídolo, o super-herói da minha infância

Há algum tempo venho tentando falar com o Rei. Mas que pretensão a minha, afinal reis são inatingíveis. A primeira vez que o vi foi de longe. Eu na arquibancada do Maracanã, ele no gramado deixando para trás os rivais que ousavam freá-lo. Meu pai, Marinho Rodrigues, treinava o Botafogo e nesses confrontos, mesmo botafoguense, confesso que também torcia para o Rei. Eu tinha 12 anos e Pelé era uma divindade. E olha que o Botafogo era recheado de estrelas. Na decisão da Taça Brasil/Campeonato Brasileiro de 1962 foi quando confirmei que ele não era deste planeta. A primeira partida, no Pacaembu, foi vencida pelo Santos, por 4 a 3, e na segunda, no Maracanã, deu Botafogo, 3 a 1. E a terceira? O Botafogo era considerado favorito. Meu pai escalou o time com um ataque mortífero, mágico, demolidor: Garrincha, Edson, Quarentinha, Amarildo e Zagallo. Mas do outro lado havia Pelé. Foi algo indescritível para os olhos de um menino como eu, peladeiro de bola de meia, que sonhava jogar como ele. Deu Santos, 5 a 0, com uma exibição de gala do Rei no Maracanã, que marcou dois gols.

O cantor de bolero Lucho Gatica já estava contratado para animar a festa, que seria lá em casa. Minha mãe, Dona Esmeralda, estava caprichando nos ingredientes do cozido. Por coincidência, ela também era de Três Corações, cidade mineira onde nasceu Pelé. Nesse episódio, entendi que não se deve comemorar antes da hora, ainda mais se Pelé estivesse do outro lado. Imagine minha emoção alguns anos depois, nas eliminatórias da Copa de 1970, estar no mesmo grupo do Rei, do grande ídolo, do super-herói de minha infância. Certa vez, ele me chamou e entregou sua agenda pessoal, abarrotada de números. Em uma rápida conferida, percebi que todos os nomes eram femininos. Volta e meia pedia para ligar e marcar encontros. Virei seu aba, kkkkk! No banco de reservas, no México, me lembrei dos tempos de arquibancada e agradeci aos céus por estar ali. Vi as jogadas improváveis do Rei, seu drible de corpo, seu chute do meio-campo, sua cabeçada mortal. Ele dificilmente caía, tinha velocidade, equilíbrio, força e hipnotizava. Mesmo que Pelé não estivesse com a bola, meus olhos nunca se desviavam dele, cada movimento era congelado.

Éramos tão próximos e hoje não consigo falar com ele, agradecer por ter feito com que meus olhos brilhassem, os olhos do mundo brilhassem. Estou de plantão, esperando o momento de rever o mito da camisa 10, o Atleta do Século, o homem que parou uma guerra. Eu me sinto um menino correndo atrás de um autógrafo, afinal, a emoção de rever o Rei sempre será uma euforia ginasial. Amanhã ligarei novamente para seus assessores, e depois, e depois. Quero abraçar o Rei, eu e o menino que sonhava acordado na arquibancada. ■

LUIS HUMBERTO

Na chegada a Brasília, depois da conquista invicta: "Mesmo que Pelé não estivesse com a bola, meus olhos nunca se desviavam dele"

OS MELHORES JOGAM AQUI

Em setembro a Libertadores está de volta!

Assista ao vivo pelo FOX App com o UOL Esporte Clube.

ASSINE: UOL.COM.BR/ESPORTECLUBE